

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Cristhiane Miriam Moretti

HOMEM GAÚCHO: O MITO NA ORIGEM E EM ERICO
VERISSIMO:
Capitão Rodrigo Cambará

Passo Fundo
2018

CRISTHIANE MIRIAM MORETTI

HOMEM GAÚCHO: O MITO NA ORIGEM E EM ERICO
VERISSIMO:
Capitão Rodrigo Cambará

Monografia apresentada ao curso de Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Ivânia Campigotto Aquino.

Passo Fundo
2018

*“Por ser feito de palavras, e não de couro e de crinas/
Ganha às formas renovadas, quando o leitor o imagina/
(...) Galopa acima do tempo, e o vento o traz pela mão/
A história da nossa gente cavalga um flete alazão/
Rodrigo vem bem montado, traz uma espada e um
violão/ Um tropel sangra a quietude... é o pingo do
capitão!”*

Rodrigo Bauer, “O Pingo do Capitão”.

AGRADECIMENTOS

Sempre são bons os motivos para agradecer. Por isso, agradeço a Deus pelo dom da vida.

Agradeço a orientadora, Professora Dra. Ivânia Campigotto Aquino, por ter aceitado o tema tão bem e por ter aberto meus olhos em relação ao gaúcho e sua cultura.

Também estendo meus agradecimentos a todas as pessoas que, de alguma forma e em algum momento, colaboraram na construção deste trabalho. Obrigada.

RESUMO

Este trabalho busca demonstrar uma construção cultural e ideológica do gaúcho por meio de três vozes: a da origem do gaúcho sob uma perspectiva histórica do mito, a de Erico Verissimo na personagem Capitão Rodrigo Cambará e a do tempo presente, que busca a manutenção do mito. Para isso, centra-se o estudo na narrativa *Um certo Capitão Rodrigo*, parte integrante do primeiro livro da saga *O tempo e o vento, O Continente I*, de Erico Verissimo e na bibliografia disponível sobre a questão da origem do gaúcho como tipo histórico-cultural. Também, recorre-se a artigos mais recentes para escrever sobre como o mito do gaúcho é mantido nos dias atuais. Destaca-se, como resultado das leituras, que a questão do gaúcho mítico é bastante presente na sociedade sul-rio-grandense, mas muitas pessoas não conhecem seu processo de idealização.

Palavras-chave: cultura, mito, gaúcho, história.

SUMÁRIO

RESUMO	4
INTRODUÇÃO	7
1. O MITO NA ORIGEM.....	9
2. O MITO EM ÉRICO VERÍSSIMO: CAPITÃO RODRIGO CAMBARÁ	19
3. O MITO QUE SE MANTÉM	32
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

O Rio Grande do Sul é um palco de muitas histórias, povos e culturas. A colonização por descendentes italianos, alemães e poloneses permitiu que existisse por aqui uma vasta e interessante cultura, mantida até hoje por seus descendentes. Por essas etnias de formação do estado do Rio Grande do Sul, inseriram-se na cultura do estado também suas manifestações culturais, como sua culinária, religião, danças típicas, festas, costumes e também suas histórias.

Ao se integrarem ao Rio Grande do Sul e ao Brasil, os diferentes grupos étnicos fizeram esforços para manter suas tradições e costumes. Ao mesmo tempo, absorveram traços de outras culturas e realizaram trocas culturais que deram resultados muito criativos. O Rio Grande do Sul pode ser visto como um mosaico de diferentes culturas que se amalgamaram para dar origem a um caleidoscópio cheio de luzes de diferentes cores que formam um conjunto altamente criativo de contribuições. (OLIVEN, 2015, p. 26).

Mas, talvez, nenhuma dessas culturas se sobressaia tanto por aqui como o consagrado e cultivado “Mito do Gaúcho”, que é passado de geração para geração e se mantém através dos tempos pelos gaúchos e gaúchas de todas as querências.

Assim, a pesquisa que aqui se delineia propõe um diálogo sobre o mito do gaúcho. A sua origem, a colaboração literária de Erico Verissimo para a consagração do mito através do personagem Capitão Rodrigo Cambará e como o mito se mantém nos dias de hoje, pelos tradicionalistas. Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho também se torna a valorização da cultura gaúcha e de todos que a mantêm, seja no dia a dia na lida campeira ou nos finais de semana pelos rodeios do estado.

Nesse sentido, é importante ressaltar que, para o mito do gaúcho ser o que ele é hoje, passou por um longo processo histórico de transformações, mudanças e idealização. Portanto, o estudo que aqui se explana propõe também mostrar o quanto o gaúcho histórico se distancia do gaúcho idealizado, que é o mantido nos dias atuais. Assim, a literatura teve uma contribuição significativa nisso, com o escritor argentino José Hernández, o gaúcho Simões Lopes Neto e Erico Verissimo. Ao escrever o personagem Capitão Rodrigo Cambará, Erico immortalizou o mito do gaúcho, representando, nele, um homem bravo, honrado e que não fugia de uma peleia por nada, mas que ao mesmo tempo era bondoso, gentil e amoroso e, que com a sua prosa fascinava e encantava as pessoas. Ao morrer no final, Erico Verissimo coloca Rodrigo como uma lenda, a representação dos gaúchos guerreiros que morreram em defesa do estado do Rio Grande do Sul na Revolução Farroupilha, eternizando o mito no coração dos

gaúchos e na literatura não só gaúcha, mas também nacional, como um personagem simbólico e épico.

Também é uma verdade importante de ressaltar que, para o mito se manter, precisam existir pessoas que se dediquem a ele e a bonita cultura que é a do Rio Grande do Sul. Os gaúchos e prendas que frequentam os rodeios, invernadas e CTGs, o gaúcho que usa bombacha todos os dias, que anda a cavalo, toma mate amargo e vive na lida campeira. Esses verdadeiros tradicionalistas que continuam a inspirar poesia e que levam a cultura gaúcha ao patamar que ela tem também merecem ser fonte de dedicação, estudo e registro, para que a cultura gaúcha continue sendo valorizada e eternizada por todos os tempos, pois um gaúcho, um homem que se tornou mito, idealizado ou não, merece estar na literatura, nos estudos e, principalmente, no coração de seu povo.

1. O MITO NA ORIGEM

Como surgem os mitos que povoam o imaginário popular e que caracterizam figuras históricas de um povo? Uma coisa é certa: um mito não é uma mentira, nem uma falsidade e nem algo que foi inventado. Um mito sobrevive no imaginário de um povo por que é condicente com a sua verdade, com o que se acredita naquela mentalidade coletiva mesmo que não seja algo comprovado cientificamente.

A palavra mito, na sua origem etimológica vem de *Mythos*, a qual representa diversas significações dentro de uma ideia principal, entre seus significados: fabulação de algo maravilhoso; uma representação fantasiosa para dar uma explicação e interpretação aos fenômenos da vida e da natureza. Dessa forma, as lendas e mitos de uma terra servem a literatura e esta se vale deles para criar personagens, que eternizam a cultura e história dos povos.

Nesse contexto, de acordo com Martin César Feijó (1984), o significado da palavra mito:

[...] corresponde às crenças de um povo, do conjunto, da comunidade, da coletividade. Por isso, ele se torna a “verdade” desse povo. Não é a verdade comprovada em laboratório, mas a verdade de uma mentalidade coletiva. Ou seja: um mito sobrevive num povo não porque lhe explique a sua realidade, mas por refletir um aspecto real desse mesmo povo, e até de todos nós: os mitos refletem sempre um medo da mudança. (FEIJÓ, 1984, p. 12).

Segundo um artigo de Basques (2012), Claude Lévi-Strauss, antropólogo francês, dirá que os mitos, ao mesmo tempo em que pensam a sociedade de onde vem, também se pensam entre si com o privilégio de que jamais pertencem a uma única sociedade, pois o que é mais próprio deles é viajar por entre elas, e, assim transformarem-se.

Assim, é certo admitir que os mitos surgem do imaginário, de experiências do coletivo e da sociedade em que estão inseridos, pois é ali que eles se transformam e permanecem vivos. Dessa forma, a literatura serve-se desta experiência para concretizar esses mitos, fortalecendo-os perante o todo. Foi isso que fez José Hernández, escrevendo *El gaucho Martín Fierro*, colocando o gaúcho como mito e o fazendo assumir a dimensão de herói, conforme podemos perceber na seguinte passagem: “[...] a figura romântica do gaúcho, como homem independente e rude, mas leal e sábio, foi emblemática para autores como José Hernández, que escreveu “Martín Fierro”, onde o gaúcho toma a dimensão de herói [...]” (EL GAUCHO, 1995, p.). Se na contemporaneidade o gaúcho se constitui como mito e cada vez se fortalece mais essa imagem, isso se deve a uma série de discursos e recursos da mídia, das

escolas, das comemorações da semana farroupilha, dos artefatos de nosso cotidiano das músicas, do tradicionalismo, entre outras situações que estimula quem mora, no Estado do Rio Grande do Sul a ser gaúcho de acordo com a representação contida na figura mítica do habitante rio-grandense. Antes disso, essa figura mítica foi forjada graças a inúmeras condições históricas que possibilitaram o seu surgimento e foi apropriada pelo discurso literário, político e é utilizada até hoje como símbolo de todas as pessoas nascidas no Rio Grande do Sul: Os gaúchos e gaúchas de todas as querências.

O mito do gaúcho é bastante cultivado não somente pela literatura gaúcha, mas também pela uruguaia e argentina. Isso porque a Argentina escolheu o “gaúcho” como sua figura identitária logo após ser independente da Espanha. O Rio Grande do Sul, Estado brasileiro que faz fronteira com esses dois países, diferenciou-se, em termos de identidade, do restante do Brasil, tendo também o gaúcho como figura mítica e cultural da formação do Estado do Rio Grande do Sul.

José Hernández (1995), escritor argentino, publicou no ano de 1872 “*El gaucho Martín Fierro*”, um poema de 395 estrofes que narra a vida de um gaúcho da região dos pampas e que traz os costumes e tradições desse povo: levantar antes do sol nascer e tomar o mate amargo, domar o gado selvagem, estar montado em um cavalo, cantar sempre acompanhado de um violão... Martín Fierro é a representação do gaúcho e é nesta obra que o gaúcho ganha a dimensão de herói.

Já no Rio Grande do Sul, a imagem mítica do gaúcho estabilizou-se graças a condições históricas que favoreceram o seu surgimento. De acordo com a historiografia corrente que fala da formação do Estado, foi por volta de 1870 que houve mudanças e transformações no setor da pecuária, e essas transformações acabaram afetando a região da “campanha”, trazendo como consequência a eliminação de alguns trabalhos da época, e, em razão disso, as pessoas que exerciam essas funções tiveram que sair do campo e buscar outras alternativas de sobrevivência. Esse processo se acentuou a partir do final da Primeira Guerra Mundial, com o aparecimento dos frigoríficos estrangeiros e o declínio das charqueadas. De acordo com Gonzaga (1996), é neste momento que se processa a constituição do chamado “mito do gaúcho”:

A feição definitiva do mito, entendido como totalização articulada e coesa, como conjunto de fantasias transformado em estatuto exemplar, mito alicerçado numa série de práticas e introjetado por todas as classes do organismo social – a ponto de se converter o gaúcho em nome genérico – deu-se quando a pecuária começou a ser abalada, principalmente por causa da concorrência dos frigoríficos platinos (GONZAGA, 1996, p. 121).

Realizando pesquisa bibliográfica Emílio Coni encontrou relatos sobre o gaúcho que vivia no meio de índios e pampeanos, roubando e matando gado de fazendeiros. A data mais antiga é 1617. Em 1642, o Cabildo de Buenos Aires referiu-se a bandidos chamados de “cuatrerros e vagabundos”, que dizimavam os campos. Em 1686 os jesuítas registraram os vagabundos que saqueavam as estâncias das Missões, e, no início do século XVIII grupos de homens matavam o gado da Vacaria do Mar para tirar o couro, se pagavam o imposto eram chamados de “faenero”, se não pagavam, eram “changadores”.

Foi em 1750 que apareceram os termos: *gaúcho e gaudério* para designar os homens que viviam dos roubos na capitania de Rio Grande de São Pedro. Em 1800, os malfeitores da campanha foram denominados de “gaúchos”, mas, o termo passou por diversas transformações até chegar ao sentido que tem nos dias de hoje, de acordo com Oliven (1993):

No período colonial o habitante do Rio Grande era chamado de guasca e depois de gaudério, este último termo possuindo um sentido pejorativo e referindo-se aos aventureiros paulistas que tinham desertado das tropas regulares e adotado a vida rude dos coureadores e ladrões de gado. Tratava-se de vagabundos errantes e contrabandistas de gado numa região onde a fronteira era bastante móvel em função dos conflitos entre Portugal e Espanha. No final do século 18, eles são chamados de gaúchos, vocábulo que tem a mesma conotação pejorativa até meados do século 19, quando, com a organização da estância, passa a significar o peão e o guerreiro com um sentido encomiástico. O que ocorreu foi a ressemantização do termo, através da qual um tipo social que era considerado desviante e marginal foi apropriado, reelaborado e adquiriu um novo significado positivo sendo transformado em símbolo de identidade do Estado (OLIVEN, 1993, p.25).

Ao realizar esta breve pesquisa, sobreveio a seguinte pergunta: Por que existe essa falta de harmonia entre a realidade e o mito do gaúcho? Os tradicionalistas que vivem a cultura gaúcha como ninguém, estão conscientes de sua origem histórica? A construção do gaúcho mítico partiu do real e se tornou aceitável baseando-se em referenciais históricos, passando no decorrer do tempo a ser considerada e conhecida por todos, embora seja algo que se processou lentamente, uma criação que se tornou anônima, formando uma tradição que passa de geração para geração e foi aceita por todos, por que, com o passar do tempo se tornou uma cultura interessante, da qual milhares de gaúchos e gaúchas vivem e se orgulham de tê-la como sua.

A figura mítica do gaúcho é narrada como uma promessa gloriosa. O gaúcho, um herói que atravessou altivamente guerras e adversidades de sua época, um tipo de ser humano rude, mas que assim se constituiu por ser uma necessidade imposta pelo meio em que habitou:

embora rude, o gaúcho era extremamente gentil para com as mulheres e destemido na defesa da honra dos indefesos. As constantes carnações, o churrasco meio cru, sua familiarização à lida campeira constante, o contato com o sangue, tornava-o

sempre preparado para a guerra. (...) Na descendência telúrica encontramos as razões para um ser tão rude, forte e corajoso, ligado profundamente à terra, que chamou, carinhosamente, de Torrão (LAMBERTY, 2000, p. 16).

As características citadas por Lamberty também estão presentes no mito do gaúcho argentino, de José Hernández. Existe, nesse mito, a oscilação entre a rudeza e a gentileza, a bravura e a coragem, a prontidão para a peleia, o amor ao pago, que ainda hoje é muito marcante no discurso tradicionalista. Todas essas características foram supostamente adquiridas por influência do meio e transmitidas e cultuadas para os gaúchos de todos os tempos.

Dentro da corrente do Romantismo surgiu o regionalismo rio-grandense, este influenciado pelas ideias de federação dos liberais moderados e farroupilhas, que alegavam que o Estado do Rio Grande do Sul se diferenciava das demais províncias brasileiras em razão de seu clima, da raça que formava os habitantes, da economia e da sociedade militarizada em função da pecuária e fronteira. Assim, o espaço do gaúcho histórico era o pampa argentino, uruguaio e sul-rio-grandense.

Acerca disso, os viajantes estrangeiros se referiram à imagem do gaúcho mítico de uma maneira muito distinta das metáforas poéticas dos românticos. Um desses viajantes, Auguste Saint-Hilaire, que esteve pela província rio-grandense em 1820, refere-se ao homem gaúcho como um marginal, bandido e pilhador, um indivíduo sem pátria que lutava unicamente pelo saque.

Diante desse relato, nota-se que não havia interesse em apoiar-se no homem gaúcho que vivia nos pampas no século XIX como ele era de fato para afirmar o mito do gaúcho, pois este também muitas vezes, além de bandido e marginal, passava fome e era maltrapilho. Então, por esse e demais motivos, a história foi recriada, o passado idealizado, os feitos transformados em heroicos e seus guerreiros, os gaúchos, recriados:

O gaúcho antigo (...) surgia transformado: a elite dominadora, que criara as instituições capazes de legitimar seu discurso, buscava transferir para a literatura, com a convivência calada à força das personagens populares, sua própria imagem: a da democracia estancieira, onde o proprietário e propriedade se identificavam. (HOHFELDT, 1996, p.27).

Assim também foi modificada a acepção pejorativa do termo *gaúcho*, termo este que ainda perdura sobre os dias atuais:

(...) íntegro, sem crises, sem defeitos, o tipo de gaúcho, dessa fase, fixa os traços básicos do “monarca das coxilhas” que, para ser grande, sempre necessitou de adversários, de guerras, de companheiros de luta. Mas, a exaltação do símbolo e do mito andou muito próxima da mistificação. (MAROBIN, 1985, p.67).

A primeira fase do romantismo literário seguiu o modelo que se caracterizou pelo personagem central chamado de “monarca das coxilhas”, ou, de “campeiro”, tendo como referência a Revolução Farroupilha. Este homem, o “monarca das coxilhas”, é audaz, corajoso, leal e libertário:

o retrato físico e psicológico do gaúcho – tal como aparece na literatura de hoje, não difere substancialmente do que acabamos de apreciar. A ficção aposta no seu primitivismo; pinta o rude e abarbadado, um ser de psicologia elementar, mas com torneios de frases requintados na boca, um homem corajoso, em permanente disponibilidade sentimental e tão valente na guerra como na luta com as reses e outros animais, vivendo na solidão do pampa, sem conforto e sem pouso certo. Foi fácil idealizá-lo. De generalização a generalização, a literatura terminou por colocá-lo numa espécie de Arcádia Crioula, território de evasão muito procurado pelo imaginativo. O resultado é um sentimento estereotipado, que emigrou da letra de forma para outras modalidades de arte, e segundo o qual o habitante da Campanha encarna sempre a galhardia, a coragem, a lealdade, o desprendimento de uma criatura perfeita. Esse foi o molde em que se fundiu o “monarca das coxilhas” o “centauro dos pampas” (CESAR, 1994, p.30).

Essa imagem de “centauro dos pampas”, “monarca das coxilhas”, não foi criada aleatoriamente pela literatura. Os donos de terras e poder buscavam apoio entre os escritores para que fosse difundida e espalhada a ideologia de um gaúcho superior, apegado e montado em seu cavalo, desbravador, galante e heroico, que também lutava para defender uma bandeira e considerava todos iguais: “É nessa passagem – em torno da década dos setenta do século passado – ganha força a produção literária ligada à gauchesca, produzida por homens que se identificam ideologicamente com os grandes proprietários da campanha” (HOHLFELDT, 1998, p. 117).

Em outras palavras, pode-se dizer claramente que a concretização deste tipo de gaúcho, o idealizado, foi construída às custas dos grandes proprietários de terras que ajudaram a forjá-lo, Pode-se perceber estes traços com o apoio das palavras de Érico Veríssimo:

Essa visão de gaúcho, conforme ela chegou ao século XX, formou-se baseada na imagem imposta pela ideologia senhorial, pela estrutura de dominação nas relações de poder detectadas no espaço social da estância, que glorificava os grandes fazendeiros, senhores gaúchos latifundiários, cheios de poder, que ajudaram a definir um tipo social e que os peões das fazendas queriam seguir e copiar. Cabia, pois, ao romancista descobrir como eram “por dentro”, os homens da campanha do Rio Grande. Era com aquela humanidade batida pela intempérie, suada, sofrida, embaraçada, terra-a-terra, que eu tinha que lidar quando escrevesse o romance do antigo Continente (VERISSIMO, 1980, p. 291).

Pode-se dizer que a *Revolução Farroupilha* (1835-1845) foi determinante na questão do mito do gaúcho, isso por que após seu fim, houve uma apropriação ideológica e mítica dos personagens que realmente atuaram nessa guerra, como assinala Giacomoli:

as figuras históricas foram representadas não como realmente eram e sim transformadas em uma espécie de herói peculiar que não existiu de fato, plenamente, mas do homem que vivia nos campos, quando da formação do Rio Grande do Sul, mesclando essas duas imagens: o homem real e a figura dos grandes proprietários de terras materializando no subconsciente coletivo uma figura ficcional de cavaleiro forte e invencível, honrado e valente (GIACOMOLI, 2015, p. 93).

Assim, segundo HOHLFELDT (1996) “O gaúcho antigo, que desaparecia como tipo social, contudo, gradualmente, transmutava-se enquanto herói artístico, notadamente na literatura” (p. 27). Porém, todas essas mudanças não surgiram do acaso, mas, sim, sob uma forte pressão política que resultou na “dizimação impiedosa de que era vítima o gaúcho tradicional” (HOHLFELDT, 1996, p. 27) para que aflorasse, então, a partir do andarilho livre e maltrapilho que fazia trabalhos temporários, mas que mantinha sua liberdade, essa imagem nova, idealizada, construída sobre o que restou do antigo

gaúcho andeje, pobre porque sem qualquer propriedade, leal e valoroso, quando muito possuía e defendia, como seu, o cavalo, suas roupas e armas. Dormia ao relento, trabalhava quando lhe dava ganas, negava-se ao comando de qualquer um em quem não reconhecesse de livre e espontânea vontade, coragem e valentia superiores ou ao menos semelhantes às suas (HOHLFELDT, 1996, p. 26).

É a partir de então que é plausível afirmar com toda certeza que: *gaúcho* é um vocábulo que carrega consigo a história que foi construída por um povo, lotada de significação e ideologias “sendo um tipo social que se originou a partir da miscigenação que ocorreu no Rio Grande do Sul.” (GIACOMOLI, 2015, p. 94). *Gaúcho* é uma palavra que carrega muitos significados. Érico Verissimo descreve os homens que ocupavam o Rio Grande do Sul na época da colonização: “O Rio Grande estava cheio dos mais variados tipos humanos. Havia o valentão, o coronel, o peão, o gaudério, o bandido, o paladino, o gaiato, o capanga, o sisudo, o potoqueiro, o gaúcho da cidade com flor no peito... tantos!” (1980, p. 291). Nesse contexto é possível afirmar que “o gaúcho, desde o início, aparece com fortuna desigual. Ora se apresenta como herói, como monarca forte, livre e valentão, ora como andarengo, marginalizado, de pé no chão, perambulando de fazenda em fazenda” (MAROBIN, 1985, p. 91).

Em 1642, os jesuítas registraram os gaúchos como os vagabundos que saqueavam as estâncias das missões. Hohlfeldt (1996) descreve essa figura:

Gostava do jogo, não levava desaforo de ninguém e seu código de honra incluía vingança. A mulher em geral servia-lhe apenas como fêmea, podendo ser eventualmente substituída por algum animal. Não desrespeitava a mulher, mas não a valorizava. Entre a mulher e um cavalo, certamente ficava com o último (HOHLFELDT, 1996, p. 26).

Existe então uma diferença entre o gaúcho de antes e o gaúcho de depois da *Revolução Farroupilha* (1835-1845), o gaúcho de antes da guerrilha foi perseguido e depois desonrado pelo estancieiro, o dono das terras ao tornar-se peão: “Proletarizado na forma de peão de estância, foi obrigado a se transformar em propriedade reificada da instituição” (HOHLFELDT, 1996, p. 26). Esse peão de estância, desprovido de nobreza, é um ser comum que sofre, nas palavras de César: “Ao invés da galhardia do gaúcho de outrora, do sentimento à flor da pele, pronto a comprar briga, [...] vem à tona um ser que sofre sem a teatralidade do guasca os dramas da sua condição humana” (CESAR, 1994, p. 36-37).

Dessa forma, em relação ao gaúcho mítico é possível concluir que este herói rio-grandense nasceu muito mais como uma criação da imaginação do coletivo do que seria uma figura real e existente de fato, ou, nas palavras de Giacomoli:

Nesse contexto é que se insere a mitologia do gaúcho como a imagem do homem macho que deveria ter coragem e ser capaz de resolver seus problemas por si mesmo e defender também suas mulheres, um campeador e guerreiro (GIACOMOLI, 2015, p. 95).

Mesmo que, como já foi dito, os estudos sobre a origem do gaúcho e a origem do mito do gaúcho nos direcionem a acreditar que o mito, que ainda hoje se cultua e, é motivo de orgulho dos gaúchos seja algo mais criado e inventado, distante do gaúcho real e histórico como ele foi de fato, é impossível negar o quanto o habitante rio-grandense é identificado por esse mito e ainda o vive, pois, segundo Fagundes “o homem não vive sem o mito. Parece ter medo de perder suas referências e se desorientar psicologicamente. Ele precisa manter-se ancorado à sua terra” (1999, p. 5).

No ano de 1937, com a criação do Estado Novo do governo do então presidente Getúlio Vargas, as instituições regionalistas foram extintas em face da sua política nacionalista. Então, em 1947 com a fundação do 35 CTG surgiu um novo ciclo na fase do gauchismo.

A produção literária tradicionalista é tida como modelo da tradição gaúcha, sendo incluída nas escolas, disseminando uma realidade que foi idealizada, fazendo gaúchos e gaúchas, crianças de diferentes etnias que formaram o Rio Grande do Sul. Nas áreas que foram colonizadas por imigrantes alemães, italianos e poloneses, onde não existiu o gaúcho

histórico, são levantados os CTGs (Centro de Tradições Gaúchas), onde os descendentes vestem-se de gaúchos e prendas, esquecendo, muitas vezes, o folclore de seus antepassados. Os poderes municipais, muitas vezes em uma cidade sem a tradição do gaúcho, promovem rodeios, festivais de danças e canções esquecendo-se e destruindo muitas vezes o folclore e as tradições locais.

Neste sentido questiona-se: Seria então correto afirmar que a cultura e o mito gaúchos foi algo como que imposto? É um questionamento interessante quando se pensa na quantidade de povos que colonizaram o Rio Grande do Sul. É uma verdade que o mito do gaúcho foi idealizado e está presente em praticamente todas as cidades do estado, pois é difícil encontrar uma cidade que não tenha um CTG, com uma internada artística e outras tradições cultivadas. Mesmo em algumas cidades de colonização alemã, italiana ou polonesa, ainda são vistas manifestações referentes à sua cultura e isso é noticiado pela mídia e jornais, talvez não com tanta ênfase, mas o Rio Grande do Sul permite e dá espaço a todas essas manifestações de culturas.

Em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul existe a estátua do Laçador, que representa o tipo que identifica a cultura tradicional gauchesca. Foi o escultor gaúcho Antônio Cariche que a criou, em 1954, com base na imagem de Paixão Cortês, um dos criadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Sobre isso, Cortês disse em entrevista ao jornal da zona sul de Porto Alegre, *Jornalecão*:

Bom, eu tive o privilégio de conviver com o escultor Antônio Cariche e ter posado para esta sua obra magnífica. Porto Alegre era a capital rio-grandense, mas não era a capital gaúcha. Faltava algum símbolo de identidade social, viva. Por que o gaúcho laçador não está morto. Ele está aí, atuando nos rodeios, na vida pública do meio rural, portanto, ele é figura importante (1997, p. 6).

Assim, “O Laçador” é e se torna mais do que uma simples estátua, obra de arte. Ele é uma representação de todos os que cultuam a tradição gaúcha, ou, nas palavras de Gilmar de Azevedo:

É, nesse sentido, uma personagem e, como tal, representa o “monismo”, ou seja, não uma só representação humana, mas um conjunto de seres com características que se assemelham nos atos ou na representação de um jeito de ser, nesse caso, do gaúcho (AZEVEDO, 2001, p. 25).

A estátua “O Laçador” representa o gaúcho, ela o coloca como um ser forte, com traços marcantes, determinados. É a representação de um homem pilchado com a indumentária gauchesca, lenço na cabeça, lenço no pescoço, camisa de campanha “arremangada”, guaiaca, “avental” de couro atravessado na cintura usado na lida campeira

para proteger a perna quando se derruba um boi, a bombacha larga e franzida e botas de canos longos para a lida. Em uma das mãos, traz o laço e ainda:

No rosto, como se mostrou o gaúcho através dos tempos, um bigode harmônico, dando-lhe uma feição altaneira. É a figura de um tipo regional, de um mito regional que traduz uma identidade física do ser habitante dos pagos sulinos (AZEVEDO, 2001, p. 25).

Uma das coisas mais marcantes do ser gaúcho, desde os tempos da constituição do mito, é sua forma de falar. De acordo com o historiador Moacyr Flores, a linguagem simbólica do gaúcho surge “em decorrência da existência de muitas coisas fora do alcance da compreensão humana” e ainda que:

O símbolo do gaúcho representa um conceito que não se pode definir, que transcendo o seu significado manifesto. A representação do mito exprime, em muitas comunidades, uma experiência que as pessoas gostariam de ter vivido, transformando-a numa fantasia inconsciente, evasiva, precária, que precisa ser estabelecida com normas: tamanho da armada do laço, coreografia da dança, tipos de pilchas, penteados das moças (FLORES, [201-?], n.p.).

Essa característica gaúcha, o linguajar campeiro, foi formado graças à fusão de várias influências: a castelhana, a indígena e a europeia. Um dos maiores escritores regionalistas do Rio Grande do Sul, João Simões Lopes Neto (1865-1916), autor de *Cancioneiro Guasca* (1910), *Contos Gauchescos* (1912), *Casos do Romualdo* (1952 – publicação póstuma) e *Lendas do Sul* (1913), ressaltou, principalmente na obra *Contos Gauchescos* o timbre do linguajar gauchesco, o que se comprova nessa, e em outras, passagem do conto desse mesmo livro, Melancia-Coco Verde:

Vancê pare um bocadinho, componha os seus arreios que a cincha está muito pra virilha. E vá pitando um cigarro enquanto eu dou dois dedos de prosa àquele andante... que me parece que estou conhecendo... e conheço mesmo!... É o índio Reduzo, que foi posteiro dos Costas, na estância do Ibicuí (NETO, 1998, p. 75).

Esse linguajar, característico também do mito, ainda está presente no cotidiano dos gaúchos, não por todos os cidadãos do estado, mas por aqueles que vivem diariamente a cultura gaúcha ou convivem com ela.

É inegável que o mito do gaúcho se firmou de tal forma que, hoje, está presente no cotidiano das pessoas, pois é reforçado a todo o momento pelas manifestações culturais, poesia gauchesca, mídia e o cancionero tradicionalista, que exalta a cultura gaúcha de uma forma muito bonita e continua a eternizá-la, como nos versos de Jayme Caetano Braun, do poema *Mateando*

Não é que me falte fibra
 Nem firmeza no garrão
 Pois meu velho coração
 Bem com passado ainda vibra
 Quem gastou libra por libra
 Da sorte fazendo alarde
 Não cala por ser covarde
 Nem chora por ser manheiro
 Lamenta el sol verdadeiro
 Que vai borcando na tarde
 [...]

É por isso meu Patrício
 Que não mateio solito
 Embora o verde bendito
 Pra mim seja mais que vício
 É o meu último munício
 Que não despenso, nem largo
 E peço a Deus
 Sem embargo
 Da xuceza do meu canto
 Que no céu
 Me guarde um santo
 Parceiro pra um mate amargo.

Mesmo que a cultura gaúcha seja vivida pelos habitantes rio-grandenses, onde mais o mito encontraria espaço, se não fossem nas promoções municipais/estaduais de danças, rodeios, provas campeiras, músicas e também das lojas especializadas que vendem indumentárias gaúchas? Onde esses cantores e poetas encontrariam seu espaço se não fossem promovidos bailes ao estilo gaúcho? O mito do gaúcho, ou o mito do ser gaúcho, é algo vivo e mantido na comunidade graças a tudo isso e também ao Movimento Tradicionalista Gaúcho que possibilita a constante volta ao passado quando, mesmo nas cidades, revive em suas tradições: a vida rural; a lida campeira; as glórias históricas do passado que sobrevivem no imaginário popular. De acordo com Azevedo (2001), aí está à importância do mito do gaúcho na cultura rio-grandense, que passa pelas gerações futuras e não somente se mantém, mas também se fortalece na cultura gaúcha, por todos os tempos.

2. O MITO EM ÉRICO VERÍSSIMO: CAPITÃO RODRIGO CAMBARÁ

O pensamento mítico teve início na Grécia do século XXI ao VI a.C. Geralmente associa-se, de maneira equivocada, a ideia de mito a mentira e ilusão. Um mito não é uma mentira, pois é verdadeiro para quem o vive, e sua história tem uma racionalidade. O mito não é algo exclusivo de povos primitivos, pois, existe em todos os tempos e culturas como componente da maneira humana de tornar sua realidade algo mais próximo e compreensível. De acordo com o autor Mircea Eliade:

Nas civilizações primitivas, o mito desempenha uma função indispensável: ele exprime, enaltece e codifica a crença; salvaguarda e impõe os princípios morais; garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para a orientação do homem. O mito, portanto, é um ingrediente, vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é, ao contrário, uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente; não é absolutamente uma teoria abstrata ou fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática. Essas histórias constituem para os nativos a expressão de uma realidade primeva, maior e mais relevante, pela qual são determinados a vida imediata, as atividades e os destinos da humanidade. O conhecimento dessa realidade revela ao homem o sentido dos atos rituais e morais, indicando-lhe o modo como deve executá-los. (ELIADE, 1972, p. 23)

A construção mítica desta figura heroica se dá, sobretudo, pela afirmação que o povo que a cultua realiza em suas práticas sociais, para que isso se torne uma verdade. A aceitabilidade e a perpetuação do arquétipo heroico necessitam de uma visão compartilhada por indivíduos sobre o que é ser herói, repercutindo esta noção em sua tradição. Quando se refere ao mito do gaúcho, em nível popular, são as publicações de rádio e telecomunicações que mantêm vivo o tradicionalismo, além das músicas, do trabalho do Centro de Tradições Gaúchas através das internadas artísticas; das manifestações teatrais e até a própria literatura que mantêm acesas as chamas do chamado “mito do gaúcho”, nas palavras de Érico Veríssimo, em *O Arquipélago*

- Se nós, os gaúchos, jogamos fora os nossos mitos, que é que sobra? Floriano olha para o estancieiro e diz tranquilamente: - Sobra o Rio Grande, doutor. O Rio Grande sem máscara. O Rio Grande sem belas mentiras. O Rio Grande autêntico. Acho que à nossa coragem física de guerreiros devemos acrescentar a coragem moral de enfrentar a realidade (VERÍSSIMO, 1974, p. 71).

Principalmente depois da Revolução Farroupilha (1835 - 1845), quando o Rio Grande do Sul tentou separar-se do Brasil, foi exaltado um jeito de ser e de se portar do gaúcho como resultado de seu processo histórico. O homem rio-grandense foi apresentado com características físicas e morais que o enaltecem enquanto elemento ligado a sua “campanha”, ambiente ideológico que lhe dá a vida, a força e o destaque. Como o próprio gaúcho se auto define, assim como na poesia e no cancionário popular típicos do sul do Brasil.

No imaginário popular, sobretudo na literatura, o gaúcho possui um corpo moreno, delgado, sadio e um linguajar tipicamente regional, alimenta-se de churrasco, toma chimarrão, fuma, anda sempre a cavalo, usa botas, chapéu e outros acessórios que lhe asseguram força física e moral. A posição social e o poder não lhe causam cobiça, pois ele jamais faz algo que possa estragar sua honra. O gaúcho se apresenta em clima de igualdade, sua posição social não lhe tira as características de herói, pois ser forte e lutador é o bastante para elevá-lo ao nível dos pertencentes à classe alta. Jamais revela fraqueza e não se entrega ao inimigo, preferindo morrer na luta para defender a terra e os ideais que tanto ama. Entrega-se de corpo e alma aos afazeres da estância e da guerra, auxiliando seu patrão sem revelar desejos de se apossar dos bens de que cuida. E assim é construído um herói dotado de muitas qualidades e ausente de defeitos.

Dentro desse contexto histórico, o genioso e excelente autor gaúcho Érico Verissimo apresenta um capítulo do primeiro livro da saga *O tempo e o vento* dedicado à história de um dos mais marcantes personagens de toda a sua obra. *Um Certo Capitão Rodrigo*, capítulo do livro “*O Continente I*”, leva o leitor a conhecer um homem sulista que não é recatado, não tem bons modos e nem destino certo, mas que fascina, encanta e que é completamente apaixonante, ao mesmo tempo em que causa repulsa e indignação. Este capítulo, com certeza, é a obra-prima dentro da obra-prima:

O pronome indefinido ‘certo’ que aparece antes do nome do personagem a que está se referindo no título da obra *Um Certo Capitão Rodrigo* não está ali inocentemente. Ele pretende significar o que há de vago neste personagem que aparece no lugar sem ter nada que comprove sua origem a não ser suas palavras sobre si mesmo. [...] Essa incerteza nos leva a pensar sobre a origem desse homem, de onde vem e quem é ele. E é essa incerteza que ajuda a criar o ambiente propício para causar encantamento aos habitantes de Santa Fé. (GIACOMOLI, 2015, p. 26)

O certo Capitão Rodrigo era fanfarrão, altivo e provocante. Tinha cara de macho e um jeito bastante atrevido, os olhos eram azuis e mostravam sempre superioridade e imponência. Seus cabelos, ondulados e castanho-escuros, lampejavam quando de encontro à luz, a voz

tinha um tom grave, e ao mesmo tempo, meio-metálico. Quanto a suas vestes, o capitão vestia-se metade soldado, metade paisano.

Logo que chega a Santa Fé, Érico Verissimo consegue nos fazer perceber claramente o mito do homem sul-rio-grandense como aquele que vive sem rumo, também demonstrado pela história do Rio Grande do Sul. O modo como o capitão chega, sem ninguém saber de onde, exalta o jeito gaudério de um homem sem destino e sem modos, um exemplo de homem que destaca sua coragem frente aos perigos do dia a dia. Esse homem estava sempre disposto a entrar em combate e tinha sempre ao seu lado um fiel companheiro: seu cavalo.

Toda a gente tinha achado estranha a maneira como o cap. Rodrigo Cambará entrará na vida de Santa Fé. Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas. (VERISSIMO, 1972, p. 170)

Nesse trecho, que conta à chegada do capitão a Santa Fé, é notável a ideia de um homem sul-rio-grandense sem pátria, sem vínculos familiares, de alguém que vivia livre e sem rumo e destino certo. A linda forma como Érico descreve o personagem traz consigo uma imagem de coragem de valor inquestionável, como um atributo que nascia com o homem sul-rio-grandense, que se colocava frente à vida como um ser destemido e valente, impondo, ao mesmo tempo, medo e encanto.

A forma como a antiga história sul-rio-grandense foi escrita colaborou para manter, por muito tempo, esse mito do gaúcho por parte da população do Rio Grande do Sul e de toda a população brasileira. Nesse sentido, Martin César Feijó (1984), dá um significado para a palavra mito como um ser que:

corresponde às crenças de um povo, do conjunto, da comunidade, da coletividade. Por isso, ele se torna a “verdade” desse povo. Não é a verdade comprovada em laboratório, mas a verdade de uma mentalidade coletiva. Ou seja: um mito sobrevive num povo não porque lhe explique a sua realidade, mas por refletir um aspecto real desse mesmo povo, e até de todos nós: os mitos refletem sempre um medo da mudança (FEIJÓ, 1984, p.12).

O mito do gaúcho consiste em um homem que ia para as guerras, mais por diversão que por necessidade de ganho, um homem admirador de um bom cavalo e de viver a vida com liberdade absoluta, não se apegando a nenhum lugar fixo. Essa imagem concretiza a ideia de que a literatura e a história andam de mãos dadas.

Devia andar lá pelo meio da casa dos trinta, montava um alazão, trazia bombachas claras, botas com chilenas de prata e o busto musculoso apertado num dólmã militar

azul, com gola vermelha e botões de metal. Tinha um violão a tiracolo; sua espada, apresilhada aos arreios, rebrilhava ao sol daquela tarde de outubro de 1828 e o lenço encarnado que trazia ao pescoço esvoaçava no ar como uma bandeira. (VERISSIMO, 1972, p. 171)

No trecho citado, pode-se perceber como o gaúcho é retratado de forma idealizada. Para ele, era impossível utilizar uma bombacha de cor clara sem que ela ficasse suja, por causa do trabalho no campo. A roupa militar, para retratar aquele que vai e vem para as guerras, mostra à imponência, valentia e coragem desse grande e imortal mito que é o homem do Rio Grande do Sul; homem que não teme os perigos da vida e que está sempre pronto para entrar em uma boa peleia. O lenço revela a preferência política da época, que era mostrada com a escolha da cor: ou vermelho, ou branco. O violão a tiracolo que ele trazia, mostrava os momentos de lazer do capitão, que não respeitava nenhuma das datas religiosas e estava sempre disposto a puxar uma cantoria.

Apeou na frente da venda do Nicolau, amarrou o alazão no tronco dum cinamomo, entrou arrastando as esporas, batendo na coxa direita com o rebenque, e foi logo gritando, assim, com ar de velho conhecido: - Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho! (VERISSIMO, 1972, p. 170)

Esse trecho evidencia claramente o fato que o personagem está sempre disposto a guerrear, de que é um militar, alguém que se mostre valente e sem medo, o que, segundo a história do Rio Grande do Sul, caracteriza uma forma de mostrar o seu valor. Para esse homem, não existia meio termo, como fala o próprio capitão ao se referir a mais um gole de bebida na venda do Nicolau: “- Pois comigo, companheiro, a coisa é diferente. Não tenho meias medidas. Ou é oito, ou oitenta.” (VERISSIMO, 1972, p. 172).

Juvenal sacudiu a cabeça devagarinho. Não sabia que opinião formar daquele homem, nem até que ponto podia acreditar no que ele lhe contava. Precisava levantar-se e ir embora. Não era nenhum índio vadio que pudesse ficar numa venda conversando à toa. Havia, porém, algo que o impedia de mover-se. Ele se interessava mesmo pelo que o outro dizia; gostava da maneira como o capitão falava, mesmo que suas palavras às vezes o irritassem. Até a voz do diabo do homem era agradável: tinha um tom grave e ao mesmo tempo meio metálico. (VERISSIMO, 1972, p. 176)

Nessa passagem, que marca a conversa que o capitão teve com Juvenal Terra na venda do Nicolau, nota-se novamente o quanto instigante era o antigo homem sul-rio-grandense e o quanto sua prosa prendia as pessoas. Falava de guerras, mulheres da banda oriental, de constituição e de independência. Por ter vivência, era dono de boas e cativantes histórias, orgulhava-se de falar das peleias que havia participado e do quanto, para ele, era prazeroso essa vida de não sentar juízo em lugar nenhum. Sabia e fazia um pouco de tudo, como se vê

na fala do próprio capitão para Juvenal, ao se referir ao novo amigo, que não joga: “- Pois perdeu metade da vida. A gente precisa experimentar de tudo.” (VERISSIMO, 1972, p. 174). Aqui também nota-se como Érico Veríssimo vale-se da antiga história do Rio Grande do Sul para começar a amizade entre dois desconhecidos até então. A forma como Érico descreve a história do Estado através da fala do capitão Rodrigo é extremamente cativante, tanto que Juvenal logo simpatiza com o forasteiro, que vem sabe-se lá de onde e se encontra disposto a sentar juízo em Santa Fé e tirar a paz do lugar.

Apesar de sempre ter lutado pela defesa do território do Rio Grande do Sul, quando chegou a Santa Fé, Rodrigo foi considerado um forasteiro pelo povo que ali vivia. O fato de sempre lutar pela defesa de suas terras, contribuiu de forma bastante significativa e coerente para o desencadeamento de um amor por essa mesma terra e também para um tipo de desconfiança do gaúcho em relação a forasteiros e estrangeiros que aqui chegavam:

O amor exagerado a sua terra e a valorização dos costumes e modos de vida de sua gente provocam a aversão àquele que não tem este sentimento de pertencimento ao lugar. A figura de forasteiro na terra gaúcha tem sido apresentada constantemente em sua literatura, a mesma medida que o autêntico gaúcho se desenvolve nas belas letras, o seu oposto, o forasteiro, o segue, assegurando essa distinção latente da cultura rio-grandense. (KLIPPEL, 2011, p.85).

Com um gênio muito forte, o Capitão vinha de muitas guerras, quase todas elas contra o governo, e dizia sempre: “Se é contra o governo, podem contar comigo (...) governo é governo e sempre é divertido ser contra.” (VERISSIMO, 1972, p. 177). De seu violão, tirava a poesia gaúcha: “Sou valente com as armas, sou guapo como um leão. Índio velho sem governo, minha lei é o coração.” (VERISSIMO, 1972, p. 183).

Os olhos azuis do capitão davam medo e ao mesmo tempo, atraíam as pessoas. Sincero e decidido, Rodrigo era amigo dos amigos e inimigo dos inimigos, respeitando-os como eles eram. Muito direto nos assuntos, Rodrigo uma vez disse ao Padre Lara, pároco de Santa Fé, quando esse pediu que ele parasse de cantar no Dia de Finados: “-Padre, é melhor vosmecê ir logo dizendo o que quer. Isso de dar voltas é lá com o Rio Ibicuí. Gosto de gente que vai direto ao assunto. (...) Nunca me ofendo quando me pedem. Fico esquentado quando querem me mandar. Se me pedem com bons modos, faço. Se me dão ordens, brigo.” (VERISSIMO, 1972, p.196).

O capitão falava e pensava com uma espontaneidade impressionante. Não escondia de ninguém que seu sangue fervia, que gostava de bebida, jogo e mulheres. Também pensava que onde tinha padre, tinha desastre, morte, enterro, extrema unção ou casamento. O

casamento, para Rodrigo, era um desastre, uma prisão. Sobre seu destino na vida, dizia que Cambará macho morre em peleias e não numa cama.

Se cotejarmos esse modelo (de herói) e do gaúcho heroico, chegaremos ao denominador comum da coragem demonstrada nos eventos bélicos, da necessidade de forjar uma identidade, o que no herói mítico é representado pela busca da origem nobre; e da morte como vitória, no caso, a morte honrosa pela defesa das fronteiras, o que se traduz como principal feito do salvador (ALVES, 2005, p. 20).

Sobre Deus, afirmava que fizera o mundo e as pessoas, mas que tinha se arrependido e largado tudo. Da vida, dizia que viver é muito bom, e que, às vezes, tinha tanta força no peito que precisava fazer alguma coisa para não estourar. Logo, o capitão tornou-se amante de Paula, esposa do vendeiro Nicolau, que sabia, mas tinha medo de enfrentá-lo, e de ser descoberto pelos moradores de Santa Fé e passar por fraco.

Por ter sido criado pelo mundo e aprendido que homem não leva desaforo pra casa, Rodrigo Cambará enfrentou o Cel. Ricardo Amaral Neto, quando esse, por ser dono de Santa Fé, disse-lhe que ele não podia ficar, pois Santa Fé já tinha gente vadia demais. Com voz firme, Rodrigo respondeu-lhe: “Se não fosse o respeito que devo a um homem da sua idade, eu fazia vosmecê engolir o que acaba de dizer” (VERISSIMO, 1972, p. 208). O Cel. Ricardo ordenou-lhe que fosse embora de Santa Fé, mas Rodrigo pegou o seu chapéu e saiu altivo, certo de que não recebia ordens de ninguém e que ninguém o tiraria contra vontade da cidade.

Não ouviu o que o outro disse nem lhe viu a cara, pois bateu a porta em seguida e saiu para o alpendre. Dirigiu-se para a venda do Nicolau, assobiando, com o chapéu atirado para a nuca, a ruminar com gozo suas últimas palavras. Mas fico. Mas fico. Mas fico (VERISSIMO, 1972, p. 213).

Quando Rodrigo se apegava a uma mulher, colocava-a na garupa do cavalo e fugia com ela e quando se desinteressava, a largava pelo caminho. Ele também sempre tratou as mulheres somente como destinadas a lhe dar prazer, e, apesar de suas ideias de liberdade, nunca discutiu a desigualdade entre homens e mulheres. Contudo, sabia que com Bibiana era diferente: teria que se casar para tê-la. Mesmo agindo dessa forma com as mulheres, e mesmo que traísse Bibiana ao se casar com ela, Rodrigo a amava. Isso é bem característico no comportamento do capitão, que é bastante contraditório.

Muito simples e rústico ao falar, o capitão pronunciava todas as letras numa linguagem clara e cheia de castelhanismos. Enquanto os moços educados diziam “muito obrigado a vossa mercê”, Rodrigo simplesmente dizia “gracias”, enquanto eles chamavam uma moça de rapariga, Rodrigo a chamava de “muchacha”.

Segundo o Padre Lara, Rodrigo Cambará representava a maravilha da mentalidade do homem do campo, da guerra e do cavalo, que não teme a Deus nem ao diabo. Era um aventureiro que não ia à missa nem respeitava o sacerdote, vivia sem ordem ou método e nunca se ajoelhou diante de um homem, por isso não cultuava o Criador, que, para ele, também era um homem:

A eternidade é tempo demasiado, mesmo para viver feliz em meio a tantas pessoas de almas puras, as quais o padre garante que estão no céu. Viver uma eternidade em contemplação no paraíso pode parecer à felicidade suprema para muitas pessoas, mas não para Rodrigo Cambará. Rodrigo mostrava-se um amante da vida terrena e dos prazeres físicos que podia tirar dela. A vida beatificada do paraíso não parecia atraente já que o capitão associava o céu ao tédio e ao aborrecimento (GIACOMOLLI, 2015, p. 67).

Rodrigo não acreditava que devesse qualquer tipo de obediência a Igreja e jamais lhe admitia a imposição de limites, e, para ele, isso o fazia mais livre que os outros homens. “-pra lê ser franco, não tenho sentido falta de igreja nem de reza nem de santo. – Nem na hora do perigo? Pois na hora do perigo mesmo é que não penso nessas coisas” (VERISSIMO, 1972, p. 204). Rodrigo não se voltou a Deus nem na hora da morte quando não confessou seus pecados ao padre quando este veio lhe dar a extrema-unção:

Nunca acreditei em padre, igreja, santo e essas coisas de religião. Veja bem, amigo Juvenal. Se eu morresse sem me confessar e depois descobrisse que havia outra vida... bom, eu sustentava a nota e aguentava os castigos, porque não havia outro remédio (VERISSIMO, 1972, p.242).

Rodrigo acreditava que iria morrer repentinamente e por isso não teria tempo de elevar seus pensamentos a Deus. Pensar em se confessar como forma de reconciliar-se com Ele era covardia: “Se eu me confessasse e não morresse, ia ficar com uma vergonha danada de ter me entregado só por medo da morte. Todo mundo ia dizer que afrouxei o garrão, e isso, amigo, era o diabo...”. (VERISSIMO, 1972, p. 240). O Capitão lembrou-se de ironizar o poder de perdão da Igreja e do padre até nos momentos que poderiam ser seus últimos:

Rodrigo abriu os olhos e ergueu lentamente a mão direita na direção do rosto do vigário. E com um súbito horror, como de repente tivesse visto a figura de Satanás, o padre Lara leu naquela mão dessangrada a resposta do doente. O capitão Rodrigo Cambará lhe fizera uma figa! (VERISSIMO, 1972, p. 240).

Nas falas de Rodrigo encontramos a descrença, e, além disso, a crítica àqueles que para tudo imploram pelo auxílio divino, ou ainda, aqueles que chamam por Deus somente no

momento da morte. Se, em algum momento, Rodrigo, que chegara tão valente e corajosamente em Santa Fé, tivesse demonstrado qualquer sinal de medo, nem que fosse apenas ao Padre Lara, teria ficado desacreditado o encanto que ele provocava, já que esse encanto vinha dessa coragem mitológica e dessa capacidade de provocar o sacerdote através de suas conversas sobre religião, como por exemplo:

Deus é um só e está no céu. E esse Deus não é apenas senhor de Santa Fé. É senhor do universo. – Deixou o tom solene, ficou mais terra a terra ao perguntar: - Vosmecê não é religioso? – Não. Religião nunca me fez falta.

- Há pessoas que só lembram da Virgem quando troveja.

- Quando troveja me lembro do meu poncho.

- Há homens que passam a vida fazendo pouco da igreja, mas na hora da morte mandam chamar um padre pra se confessar.

Rodrigo soltou uma risada.

- Chamar padre na hora da morte? (VERISSIMO, 1972, p. 200).

Para o amor o Capitão Rodrigo não perdia tempo, tanto que, na festa de casamento da filha de Rosa e Joca Rodrigues, ele procurou Bibiana, que estava dançando com Bento Amaral, para dançar e lhe disse “- Se vosmecê disser que não quer dançar comigo – prosseguiu ele – vou-me embora desta casa. Se vosmecê disser que não quer mais saber de mim, vou-me embora de Santa Fé para nunca mais voltar. Mas, por favor, diga alguma coisa!” (VERISSIMO, 1972, p. 223). Certo dos sentimentos amorosos de Bibiana por ele Rodrigo duelou com Bento Amaral, que a queria em casamento, no alto de uma coxilha.

Na peleia, Rodrigo prometeu a Bento que deixaria sua marca na cara dele “- Vou deixar minha marca na cara do Bento Amaral” (VERISSIMO, 1972, p. 227). O capitão Rodrigo chegou a tirar a adaga da mão de Bento, mas devolveu, porque não duelava com homem desarmado, e, quando havia começado escrever a primeira letra de seu nome na cara do Bento, um dos capangas do rival atirou contra ele o ferindo gravemente. “- Não vou te matar, miserável – disse Rodrigo – Mas não costumo deixar serviço incompleto. Quero terminar esse R. Falta só a perninha...” (VERISSIMO, 1972, pg. 229).

A luta entre Rodrigo e Bento aconteceu porque Rodrigo queria igualdade, pois, a intenção não é a morte literal do rival, mas sim, a morte metafórica. Pois, se Rodrigo ganhasse na peleia e cumprisse com o prometido, retiraria de seu adversário sua aura de poder:

Ao colocar a marca no rosto, Rodrigo queria mostrar que o filho do Coronel não poderia herdar a *tropilha* do pai. Quem recebe a marcação de propriedade é o cavalo, não o proprietário. O grupo que estava em posição desprivilegiada não poderia querer ser comandado por um homem que carregava uma marca de propriedade no corpo, como um animal. (GIACOMOLI, 2015, p.61)

Quando Rodrigo se recuperou do episódio e saiu da cama, ficou debaixo da figueira e se viu chorando e rindo: “Ao perceber que estava chorando, achou a coisa tão engraçada que começou a rir, primeiro baixinho, depois numa gargalhada. E quanto mais ria, mais as lágrimas lhe vinham aos olhos.” (VERISSIMO, 1972, p. 240). Com trinta e cinco anos, o capitão viu que era hora de se assentar na vida e montou uma venda com Juvenal.

Casou-se com Bibiana, mesmo contra a vontade do pai dela que dizia que Rodrigo não era trigo limpo. Quem uniu os dois foi o Padre Lara, que, nas suas conversas com o pai de Bibiana dizia que muitos canalhas vinham da guerra com a guaiaca cheia de onças, de joias e de coisas roubadas, não Rodrigo, que viera apenas com o seu soldo. Até o momento do casamento, Rodrigo ainda não tinha conhecido a vida cotidiana e o quanto poderia ser sufocante e pacato o espaço doméstico e familiar, para ele, logo, o casamento se tornaria um empecilho:

Já o amor, na vida do herói, tende a se tornar ameaçador na medida em que o afasta, ao menos temporariamente, de sua trajetória. Nesse sentido, a mulher o seduz e o enfeitiça, podendo funcionar também como porto seguro, onde o herói pode refazer suas batalhas. No entanto, assim que surgirem outros desafios, este porto é abandonado. (ALVES, 2005, p.20)

Agora, o vendeiro Rodrigo Cambará era alegre e simpático com os clientes. Na relação com Bibiana era fofego e atrevido: tocava-a mesmo na frente dos outros como, por exemplo, na presença do Padre Lara e de Pedro Terra, que detestava o genro.

A noite estava clara e ela reconheceu neles o pai e a mãe. Fez um esforço para se desvencilhar do marido, mas os braços de Rodrigo a prendiam. E Bibiana, muda, afogueada, cheia de vergonha viu o pai acercar-se da porta, parar, olhar para ela de cenho franzido, fazer meia volta, tomar o braço da mulher e ir-se embora sem dizer palavra. (VERISSIMO, 1972, p. 254).

Principalmente nos primeiros momentos que conduzem a cerimônia de casamento de Rodrigo e Bibiana é que ela se encontra consigo mesma, pois, a partir desse momento, sai da casa e da proteção paterna para assumir para si mesmo seu poder sobre sua vida e sobre seu próprio corpo. No casamento, Rodrigo não se torna o pai e patriarca excelente, mas Bibiana gosta de sua vida sexual, o que lhe provoca questionamentos sobre sua moral. Pois, sentir prazer, para Bibiana, torna-se uma

sensação de pecado, essa impressão esquisita de que Rodrigo não era seu marido e de que ela não passava duma “china de soldado”, não a abandonou nunca durante toda a lua de mel, principalmente quando ela se via frente a frente com o pai. Mas isso não a tornou menos feliz. Por que naqueles meses que se seguiram ao

casamento, Bibiana viveu como que erguida na crista duma onda cálida de felicidade que a estonteava um pouco dando às pessoas e coisas que a cercavam um aspecto de sonho. (VERISSIMO, 1972, p. 246).

Rodrigo era libertário, sedento por justiça e tinha sua própria tese para o mundo: acabaria com o trabalho, dividiria as terras de homens como os Amarais, com os peões, índios e negros. Libertaria todos os escravos, deixaria o mundo menor, para atravessá-lo a cavalo e acabaria com todas as línguas, as pessoas morreriam em guerras ou em duelos, não numa cama. Esse fato exalta o sentimento de justiça como um atributo que nascia com o homem do Rio Grande do Sul, que não permitia injustiças e estava disposto a lutar contra essas mesmas.

Rodrigo dizia que nunca tinha visto Padre contra o governo e que não gostava de ver homem rebaixado por outro homem. Para um Cambará algumas leis são fundamentais: nunca batem em mulher, nem em homem fraco, nem usam arma contra homem desarmado, não aceitam que gritem com os negros nem que batam neles, muito menos aceitam que um negro se humilhe e fique de cabeça baixa. Dizia também que um homem tem que dizer nomes feios porque alivia a alma. E o padre Lara explicou a Rodrigo que passam os generais, os conquistadores, os filósofos, os governos, mas a Igreja fica porque é realista e não dá murro em ponta de faca, deixa que os outros deem. O padre acreditava em sua verdade. Essa parte é interessante, pois coloca a Igreja em uma posição questionável em um período histórico no qual muitas injustiças eram cometidas.

Era um fato certo que um homem como Rodrigo não aceitaria essa vida pacata de vendeiro e pai de família por muito tempo, como se assegura na fala do padre Lara:

Seu desejo mesmo é andar a cavalo correndo mundo, sem pouso certo, sem obrigação marcada, agarrando aqui e ali uma mulher como quem apanha fruta em árvore de beira de estrada... De vez em quando uma partidinha de truco ou de solo, um joguinho de osso, umas carreiras, e para variar, uma peleia... (VERISSIMO, 1972, p. 261).

Este era o Capitão Rodrigo Cambará e era assim que ele gostava de viver. Esse é o espírito que tem o verdadeiro homem gaúcho, que Verissimo situa seu modo de vida perfeita e inquestionavelmente em Rodrigo.

Quando nasce Anita, filha de Bibiana e Rodrigo, o Capitão já não aguentava mais a vida que estava levando. Sentia falta das guerras, das mulheres e de sua liberdade. Por isso, jogava, embebedava-se, procurava carreiras e frequentava o rancho de uma índia paraguaia que lhe cedia à neta em troca de umas patacas. Bibiana sabia, mas fingia não saber. O que realmente interessava para ela era que Rodrigo era honesto, leal e era dono de um enorme coração.

Quando os imigrantes alemães chegaram a Santa Fé, em 1833, Rodrigo começou a encontrar-se com Helga atrás do cemitério e continuava a frequentar a casa da índia velha, mas logo caía em si e sentia falta de Bibiana e dos filhos. Rodrigo tinha sentimentos contraditórios: amava sua família, mas era irresponsável com ela e consigo mesmo.

Naquela política, as pessoas estavam divididas: os Amarais, do partido Restaurador, queriam a volta de D. Pedro I, já os farroupilhas, de Bento Gonçalves, eram contrários a essa proposta. O capitão Rodrigo, por sua vez, queria que arrebesse uma grande revolução, pois, estava era louco de vontade de pelear.

Naquele inverno, Anita ficou muito doente. Rodrigo jogava na casa do Chico Pinto e estava ganhando, Bibiana mandou chama-lo várias vezes, pois Anita estava muito mal. Rodrigo dizia que iria para casa assim que terminasse de encher sua guaiaca com patações, cruzados e onças. Nas várias vezes que fora chamado, Rodrigo dizia que não era curandeiro. Na última vez que foram chamá-lo, Rodrigo ouviu que sua filha estava muito mal e respondeu:

– Pois que esteja. Mulher não faz falta no mundo. Que morra! As mulheres são falsas. Helga Kunz é uma cadela. Que morra! Não sou curandeiro. Melhor é não ver nada. Não tem mais remédio. É uma questão de horas. Não me adianta ir. Não gosto de choro. Um dia a guerra vem. Tudo se resolve. A guerra vem e o tempo. Remédio para tudo (VERISSIMO, 1972, p. 286).

Quando Rodrigo caiu em si, tinha perdido nas cartas e não entendera como fizera aquilo. Amava sua família, tinha consciência que não era nenhum monstro, daria qualquer coisa que precisasse para salvar a vida da mulher ou de qualquer amigo, porque era um homem dotado de valores. Ao chegar a sua casa, o padre Lara informou-o de que Anita estava morta. Com o triste episódio, Rodrigo prometeu mudar.

Depois desse dia Rodrigo cuidou melhor de sua família. Logo, eles tiveram outra menina, Leonor, mas tudo estava tudo muito sossegado. Em 1835, estourou a Revolução Farroupilha e Rodrigo foi chamado por Bento Gonçalves. Bibiana disse a Juvenal que Rodrigo estava louco de faceiro, parecia estar indo a uma festa:

Lutar em guerras é o orgulho do personagem, pois a guerra permanece uma ocasião de escolha para exprimir sua virilidade [...] Além de orgulhar-se de sua condição de guerreiro a quem quiser ouvir. Contudo, lutar não consistia somente motivo de orgulho para Rodrigo, mas de felicidade. A possibilidade de duelar, de enfrentar o inimigo e de pôr em teste sua masculinidade para comprová-la soberana, o enchia de um nervosismo alegre (GIACOMOLI, 2015, p. 82).

Era um fato inegável que a felicidade do Capitão estava nas guerras, assim, era praticamente impossível que ele se adaptasse e aceitasse viver de forma cotidiana, de ser

subordinado aos outros ou governado pela opinião pública. Para Rodrigo, mesmo sabendo do risco que sempre corria, as guerras eram uma escolha, o que ele gostava de fazer e onde encontrava sua felicidade: “Na morte se encontra sua tragicidade e quem sabe sua fortuna, mas certamente sua mitificação” (GIACOMOLI, 2015, p. 82).

Quando as tropas farroupilhas chegaram a Santa Fé, ele tinha que terminar um serviço que havia ficado mal feito. “Tenho que terminar aquele servicinho. Parece mentira que foi preciso uma guerra civil para eu poder botar o rabinho do ‘R’ na cara do Bento” (VERISSIMO, 1972, p. 263).

Rodrigo passou na Igreja para falar com o padre e este pediu para que os farroupilhas se rendessem, para que fosse evitada a batalha. Mas o capitão, não deixando de ser ele, com toda sua bravura e senso de justiça, disse ao padre: “- Não, padre. ‘Não façam aos outros aquilo que não querem que te façam a ti’. Não é isso que dizem as Escrituras? Se alguém me convidasse para eu me render eu ficava ofendido. Um homem não se entrega” (VERISSIMO, 1972, p. 262).

Na invasão, o Capitão Rodrigo Cambará caiu morto com um tiro dado pelo velho Amaral antes de também morrer. Rodrigo estava morto. Não ia mais rir, nem cantar, nem contar suas proezas e exaltar suas machezas por aí. Rodrigo estava morto e Bibiana viva, pronta para criar seus filhos, e dessa vez, ela tinha certeza que Rodrigo estaria perto dela para sempre.

Afinal de contas para ela o marido estava e estaria sempre vivo. Homens como ele não morriam nunca. Ergueu Leonor nos braços, segurou a mão de Bolívar, lançou um último olhar para a sepultura de Rodrigo e achou que no final de contas tudo estava bem. Podiam dizer o que quisessem, mas a verdade era que o cap. Cambará tinha voltado para casa. (VERISSIMO, 1972, p. 297).

Ao morrer baleado no sobrado, Rodrigo consegue, mais rápido do que pretende o lugar dos Amarais para sua família, a descendência dos Terra-Cambará. Ele se tornou um exemplo de coragem, e esta imagem se manteve viva no imaginário de gerações no Rio Grande do Sul; passando de machista, homem de várias mulheres, amante de jogo e bebidas, ao lugar de mito, de gaúcho destemido, honrado e forte. Um verdadeiro exemplo a ser seguido e uma bela história a ser contada para as próximas gerações.

Muito da imagem mítica que Rodrigo carrega consigo vem do fato de ele ter morrido jovem e cheio de coragem e força, pois é dessa forma que ele adquire a imortalidade. Se, por um lado, a vida que Rodrigo tanto amava e aproveitava fora curta, por outro, foi o que colaborou para sua transformação em mito e herói, fazendo com que conseguisse sua imortalidade, chegando bem perto, assim, dos guerreiros que na realidade morreram defendendo seu Estado e até mesmo representando-os de forma que pudessem ter seus feitos e

atos de bravura narrados para as gerações que iriam vir adiante. Esse é o maior legado e um dos motivos pelo qual o Capitão Rodrigo Cambará tenha se tornado o mito do homem gaúcho

3. O MITO QUE SE MANTÉM

Uma edição do livro “*Um certo capitão Rodrigo*” de 1949 do Círculo do Livro traz, antes de começar a história, um prólogo denominado *Visita*; nela, Érico entrevista a si mesmo oito anos mais velho e uma das perguntas que faz a si mesmo, e responde, é esta:

- Mas que pretendeu você fazer quando decidiu “criar” a figura do capitão?
- Existe na mitologia oral gaúcha uma imagem que é uma espécie de súpula de todos os heróis da sua história e de seu folclore: o macho, o bravo, o guerreiro, o mulherengo, o homem generoso, impulsivo e livre, principalmente livre. (VERISSIMO, 1949, p. 12).

Com esta passagem, torna-se evidente que Érico se valeu da imagem do gaúcho mítico para a construção do personagem Capitão Rodrigo Cambará e o que o leitor deste autor encontra nessa personagem são aspectos do mito do gaúcho, mas, do mito do gaúcho idealizado.

Por este motivo, é de suma importância o conhecimento da origem histórica do gaúcho e também de como seu mito e cultura foram idealizados com a passagem do tempo e força de vontade de algumas pessoas que se dedicaram a causa do tradicionalismo gaúcho, como um meio de manter a cultura do Rio Grande do Sul. O que Érico apresenta é uma imortalização e concretização do mito do gaúcho para todo o sempre na literatura e história gaúchas, mas, não uma verdade absoluta, por isso, a discrepância cada vez mais clara do gaúcho histórico e do gaúcho idealizado.

A colonização do Rio Grande do Sul começou na região da Campanha, localizada no sudoeste do estado e fazendo fronteira com a Argentina e o Uruguai. Foi através da prática da pecuária extensiva que o estado foi colonizado, e, embora sendo um Estado brasileiro como todos os outros, a figura que representa a identidade regional do Rio Grande do Sul teria um aspecto um tanto peculiar. A figura do gaúcho seria muito distinta dos tipos sociais dos outros Estados do país, tendo às vezes mais proximidade com as figuras identitárias da Argentina e Uruguai: o *gaucho*.

Na Argentina e no Uruguai a palavra *gaucho* se refere a um emblema nacional. No Brasil, gaúcho se refere a um tipo regional associado diretamente a um estado: o Rio Grande do Sul. E também essa figura é usada de modo unânime por intelectuais para construir a identidade regional do Rio Grande do Sul, porque, afinal de contas, ninguém pensa no estado do Rio Grande do Sul sem pensar também no gaúcho.

De acordo com Oliven (p. 9, 2006), “a ênfase nas peculiaridades do estado e a simultânea afirmação do pertencimento dele ao Brasil se constituem num dos principais

suportes da construção social da identidade gaúcha que é constantemente atualizada, reposta e evocada”. Nesse sentido, as “peculiaridades” do estado seriam a colonização, o ponto de vista geográfico, étnico e econômico, que seriam bem diferenciadas do restante do país.

O estado do Rio Grande do Sul também seria geograficamente isolado, o que se tornaria um fator responsável pelo Estado ser “um todo separado do mundo pelos areais litorâneos, pelos rios, pelas serras e pelas selvas” (PRUNES, 1962, p. 143). A mãe natureza teria sido muito gentil com os gaúchos, os privilegiando, pois, no mesmo momento em que teria dado a eles um espaço físico dos mais apadrinhados, os teria também contemplado com uma posição de acesso difícil, ilhando-os no Continente de São Pedro e fazendo, assim, com que o Estado ficasse isolado por dois séculos do Brasil, de acordo com Oliven:

A posição estratégica do Rio Grande do Sul faz com que ele seja visto como uma área limítrofe que estaria nas margens do Brasil e que poderia tanto fazer parte dele como de outros países dependendo do resultado das forças históricas em jogo (OLIVEN, 2006, p. 9).

De acordo com esta referência, Erico Verissimo em resposta para uma escritora nordestina que dizia que os gaúchos eram acastelhanados e pertencentes mais a condição platina do que a brasileira disse:

Somos uma fronteira. No século XVIII, quando soldados de Portugal e Espanha disputavam a posse definitiva deste então ‘imenso deserto’, tivemos de fazer a nossa opção: ficar com os portugueses ou com os castelhanos. Pagamos um pesado tributo de sofrimento e sangue para continuar deste lado da fronteira meridional do Brasil. Como pode você acusar-nos de espanholismo? Fomos desde os tempos coloniais até o fim do século um território cronicamente conflagrado. Em setenta e sete anos tivemos doze conflitos armados, contadas as revoluções. Vivíamos permanentemente em pé de guerra. Nossas mulheres raramente despiam o luto. Pense nas duras atividades da vida campeira – alçar, domar e marcar potros, conduzir tropas, sair da faina diária quebrando a geada nas madrugadas de inverno – e você compreenderá por que a virilidade passou a ser a qualidade mais exigida e apreciada do gaúcho. Esse tipo de vida e responsável pelas tendências impetuosas que ficaram no inconsciente coletivo deste povo, e explica a nossa rudeza, a nossa às vezes desconcertante fraqueza, o nosso hábito de falar alto, como quem grita ordens, dando não raro aos outros a impressão de que vivemos num permanente estado de cavalaria. A verdade, porém, é que nenhum dos heróis autênticos do Rio Grande do Sul, jamais ‘proseou’, jamais se gabou de qualquer ato de bravura seu. Os meus coestaduanos que, depois da vitória da Revolução de 1930, se tocaram para o Rio, fantasiados, e amarraram seus cavalos no obelisco da Avenida Rio Branco – esses não eram gaúchos legítimos, mas paródias de opereta (VERISSIMO, 1969, p. 3-4).

Encontram-se elementos que são bastante frequentes no discurso do gaúcho nessa fala de Erico Verissimo, em especial a) o caráter de fronteira do estado; b) o caráter de escolha: quer dizer, o Rio Grande do Sul preferiu pertencer ao Brasil enquanto poderia ter optado pertencer ao antigo Império espanhol e também o alto preço que foi pago por isso,

representado pelas guerras em que o Estado se envolveu. Também é um fato marcante nesta fala de Erico a existência de um tipo social específico: o gaúcho, que é marcado pela bravura que lhe é exigida em razão de suas lidas campeiras.

São essas condições que colaboram para o caráter marcante, forte e um tanto “afogado” do gaúcho. De certa forma, essas questões precisam ser evocadas no discurso dos habitantes do Rio Grande do Sul para garantir que eles continuem a serem conhecidos como esses seres de força e honra que se orgulham de sua história. São poucos os gaúchos que conhecem ou admitem a idealização do mito do gaúcho histórico, pois não é esta a história que é contada e ensinada nas escolas e também a que corre no dizer popular.

Mas é um fato que não se pode negar o estado do Rio Grande do Sul tem suas peculiaridades. E são essas peculiaridades que colaboram para uma série de representações em torno dele que “acabam adquirindo uma força quase mítica que as projeta até nossos dias e as fazem informar a ação e criar práticas no presente” (OLIVEN, 2006).

Então, como esse mito que foi construído e até idealizado se mantém nos dias atuais? Existe uma série de fatores que ajudam a manter o mito do gaúcho vivo, entre eles, destacam-se as promoções dos poderes Municipais e Estaduais, que fazem rodeios, festivais de dança, shows com músicos tradicionalistas, concursos de peões e prendas... Tudo isso em um espaço físico, construído a caráter, que cada cidade tem: o CTG.

O primeiro CTG do estado do Rio Grande do Sul nasceu da vontade de jovens tradicionalistas, todos do meio rural, liderados por Paixão Cortês que pretendia renovar e propagar a cultura gaúcha pelos tempos, no ano de 1947. Naquele ano, os jovens que compuseram o “Grupo dos Oito” deflagraram um novo movimento social, cívico e cultural. E foi seguindo essa ideologia que, em 1948, houve a fundação do 35 CTG, que serviu de exemplo para as demais entidades, que ao se multiplicarem, em 1966, deram origem ao Movimento Tradicionalista Gaúcho. A escolha do nome do CTG veio em homenagem à Revolução Farroupilha, que iniciou em 1835, por isso 35 CTG. Nas palavras de Gleicimary Borges da Silva:

A importância do “35” CTG no contexto do Movimento Tradicionalista gaúcho não está por ter sido a primeira entidade a ser criada, até por que muitas outras lhe antecederam na história, mas sim pelo modelo apresentado, o que o levou ao desenvolvimento de um movimento social, tradicionalista, de forma organizada, do qual muito se espera, dentro e além das fronteiras do Rio Grande do Sul (SILVA, 1999, n.p.).

O MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho), também tem participação significativa na manutenção do mito do gaúcho e está presente, além do Rio Grande do Sul, em estados para onde o gaúcho migrou: Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina, e

também em outros, mas não com tanta presença como nesses. Junto com os CTGs (Centros de Tradições Gaúchas), o MTG promove concursos de prendas e peões, palestras, cavalgadas, concursos de dança e apresentações. Sobre isso, Isadora Fochi, a 1ª Prenda Juvenil do Rio Grande do Sul da gestão 2017/2018, que é do município de São Domingos do Sul, diz que

Hoje, as prendas e peões buscam representar não somente uma figura histórica da mulher e do homem sul rio-grandense, mas representam o trabalho em prol desta causa, atuando não só dentro da sociedade tradicionalista, mas expandindo-a a todos os cantos da sociedade do estado. Sim, porque prendas e peões desenvolvem projetos em escolas e outras instituições, buscando despertar nas crianças o gosto pelo tradicionalismo que algum dia, foi também despertado neles (FOCHI, 2018, n.p.).

Uma das perspectivas mais marcante nesses movimentos é a dança, que através também da música busca viver os feitos dos antepassados. De acordo com Manoelito Carlos Savaris, ex-presidente do MTG gaúcho, as danças são fundamentais para o movimento tradicionalista gaúcho manter sua relação com o passado:

- O CTG tem lá o foco, qual é: preservação, resgate e divulgação da história, dos aspectos históricos, folclóricos e evidentemente tradicionais. Há todo um estímulo para que os CTGs façam essa volta lá atrás e representem diversos aspectos no hoje. Como é que nós podemos fazer isso? Nós podemos fazer isto de muitas formas, mas a forma que nos encontramos mais fácil e que mais cala, que mais tem significado nas pessoas é via dança, via música e via dança. Claro que também algumas iniciativas de teatro. Tem algumas iniciativas muito interessantes da área do teatro nos CTGs, tá. Mas isso via dança, via representação que na verdade é quase um teatro, é que eles fazem. De pegar determinados aspectos do folclore, da história e representá-los hoje, fazendo uma viagem no tempo. Então esta relação da história com uma coisa inanimada, uma coisa distante inatingível quase pra muitas pessoas, tá! Se corporifica nestas atividades que são feitas, porque nós entendemos que é mais fácil se ensinar história, fazendo, utilizando um grupo de dança pra fazer a reconstrução. Por exemplo, no ENART do ano passado um CTG de Porto Alegre o Raízes do Sul representou a Guerra Guaranítica, certo? Aquela representação deles ali, ela foi uma aula de história melhor do que muitas palestras que nós pudéssemos fazer para aquela juventude. E não só das pessoas que fizeram a apresentação e das famílias envolvidas nisso porque tem ali doze pares, doze jovens dançando, mais seis ou sete na parte da música, então são então trinta pessoas, mas essas trinta pessoas carregam consigo mais três ou quatro cada um. Já chegamos a 100, 130 pessoas envolvidas naquele processo e compreendendo como é que aquele fato se deu na história e isso se apresenta lá no ENART como todo mundo vê e isso desperta curiosidade, desperta interesse de leitura, desperta interesse de saber como é que foi, desperta discussão também de que não foi bem assim e isso também é importante (ENTREVISTA, setembro de 2002, fita k 7, 1, lado B).

Ainda, sobre a dança, a 1ª Prenda Juvenil do Rio Grande do Sul da gestão 2017/2018, Isadora Fochi diz que ela, junto com os eventos do movimento tradicionalista, é crucial para a propagação e reconhecimento de nossa cultura.

Hoje, a dança representa uma parte muito conhecida da nossa cultura, tanto que, um dos maiores eventos do nosso movimento é o ENART, palco dos sonhos de todos os dançarinos. Mas além do ENART, temos também o FEGADAN, que abrange todos

os grupos de estilo campeiro. Eventos como estes são responsáveis pelo engrandecimento artístico de nosso movimento, tanto que anualmente, o número de participantes é cada vez maior (FOCHI, 2018, n.p.).

É evidente, quanto o trabalho dos CTGs é importante na manutenção da cultura gaúcha e de seu mito. O resgate ao passado histórico de guerras e batalhas, sejam elas idealizadas ou não, e assim como todas as outras danças são representadas com maestria pelos membros dos CTGs que ensaiam por dias e horas a fio, mostrando amor e dedicação ao tradicionalismo, ao Rio Grande do Sul e aos feitos de sua história que as canções nativistas exaltam, assim como sua cultura. Isso tudo, diz Barbosa Lessa, reforça o núcleo da cultura sul-riograndense.

Através da atividade artística, literária, recreativa ou esportiva, que o caracteriza - sempre realçando os motivos tradicionais do Rio Grande do Sul - o Tradicionalismo procura, mais que tudo, reforçar o núcleo da cultura rio-grandense, tendo em vista o indivíduo que tateia sem rumo e sem apoio dentro do caos de nossa época. E, através dos Centros de Tradições, o Tradicionalismo procura entregar ao indivíduo uma agremiação com as mesmas características do "grupo local" que ele perdeu ou teme perder: o "pago". Mais que o seu "pago", o pago das gerações que o precederam (LESSA, 2000, n.p.).

Barbosa Lessa (2000) assinala que o Tradicionalismo, ao contrário do que muitos pensam, não é um retorno ao passado, mas uma experiência do povo rio-grandense, “no sentido de auxiliar as forças que pugnam pelo melhor funcionamento da engrenagem da sociedade” (LESSA, 2000, n.p.). Nesse sentido, como toda experiência social, o Tradicionalismo não produz efeitos que podem ser percebidos imediatamente, somente o tempo será àquele a dizer o acerto ou o erro dessa grande campanha cultural. Assim, serão as gerações do futuro as que irão nos indicar os efeitos dessa, agora atual, experiência. A realidade do Tradicionalismo então é o que ele constrói para o futuro, o que torna esse movimento ainda mais bonito. Tendo consciência disso, Barbosa Lessa define o Tradicionalismo como:

o movimento popular que visa auxiliar o Estado na consecução do bem coletivo, através de ações que o povo pratica (mesmo que não se aperceba de tal finalidade) com o fim de reforçar o núcleo de sua cultura: graças ao que a sociedade adquire maior tranquilidade na vida comum. (LESSA, 2000, n.p.).

Mas, para que o movimento exista e se mantenha por tantos anos, são necessárias pessoas que se dediquem a esta causa, a causa do Tradicionalismo Gaúcho, sobre isso, ainda 1ª Prenda Juvenil do Estado, Isadora Fochi, afirma que:

Afinal, quem são esses tradicionalistas? Quem são os soldados do Movimento? Simples, é toda aquela pessoa que se doa, se dispõe e é voluntário na causa que abraça, e que a defende. Sem sombra de dúvidas lembrar o passado e não esquecê-lo

é muito importante, mas hoje, o Movimento Tradicionalista Gaúcho não busca somente isso, e visa formar pessoas que tenham em si um espírito de liderança coletiva. E nisso, fala-se dos jovens, tanto aqueles “jovens há mais tempo” quanto os jovens há menos tempo, estes últimos, responsáveis pelo futuro de tudo isso (FOCHI, 2018, n.p.).

E ela ainda ressalta, orgulhosa, o quão é importante o trabalho de pessoas como ela, mas não somente, para a causa, e do quanto quem se dedica a isso o faz com amor, amor ao tradicionalismo.

Quando se fala em “Prendas e peões do Rio Grande do Sul”, não se dirige somente a quem ostenta uma faixa ou um crachá com tais dizeres, mas sim uma juventude ativa que deve sempre priorizar o coletivo e que sentem dentro de si a responsabilidade de dar continuidade a isso como lideranças conscientes. E para aqueles que dizem que o tradicionalismo é um retrocesso, ou que o Movimento acabou por perder sua essência, eu os digo: “O Tradicionalismo nunca foi e nunca será um retrocesso, e muito menos perdeu sua essência. Evoluiu? Sim, para não ser sucumbido, mas jamais deixou seus valores de lado, e é por isso, e por tantos corações pulsando e mãos trabalhando por esta causa que ela não irá morrer, porque já fazem setenta anos que existe e que muda a vida de quem o integra, e irá continuar mudando, pois mudou a minha, e eu hei de garantir que mude a de muitos!” (FOCHI, 2018, n.p.).

Mas, além do trabalho desses jovens tradicionalistas, é preciso mais. Para que o tradicionalismo continue, existem duas grandes questões que precisam ser enfrentadas: a atenção especial às novas gerações e a assistência ao homem do campo. Lessa (2000) afirma que é preciso dar atenção especial às crianças, o Tradicionalismo deve estar presente com intensidade no setor infantil e educacional, para que o movimento tradicionalista não desapareça com a geração atual, os “tradicionalistas de arrancada”, como ele mesmo denomina. A outra questão, a da assistência ao homem do campo, é extremamente necessária porque a ideia central das Tradições Gaúchas é a figura do homem campeiro nas estâncias gaúchas. É por esse motivo que o homem do campo deve ser amparado moral e socialmente, para que não se chegue à situação lamentável e paradoxal de se manter uma tradição de fantasia, em que o gaúcho exaltado seja um desajustado social. Nas palavras de Barbosa Lessa:

A nossa cultura somente poderá se impor sobre as outras culturas, no entrechoque inevitável, se for suficientemente prestigiosa. Daí a razão por que precisamos mostrar às novas gerações – bem como àqueles que, vindos de terras distantes, acorrerem à nossa querência – que as tradições gaúchas são realmente belas, e que o gaúcho merece realmente a nossa admiração (LESSA, 2000, n.p.).

Então, para manter viva a chama do tradicionalismo, é preciso muito mais do que tomar chimarrão e comer churrasco nos finais de semana. É preciso toda uma preocupação

com as gerações mais novas, para que elas se identifiquem com o movimento e integrem a ele, e também ao homem do campo, talvez aquele que viva mais intensamente a cultura do estado do Rio Grande do Sul. No documentário que está disponível no YouTube *“Miro e a cultura gaúcha de fronteira”*, Miro, um gaúcho vestido a caráter, “pilchado”, tomando seu mate amargo em frente ao fogo de chão fala sobre as lidas da vida no pampa e do gaúcho:

- Tudo tem uma razão de ser e tem um início, meio e fim, né. O gaúcho começou assim gente, ó, fogo de chão, fazendo seu mate, fazendo a sua tropa, a sua panela velha com feijão ali e uma carnezinha dentro, o seu par de arreio, né, o gaúcho sem arreio não é gaúcho. A guampa aqui de beber água, o gaúcho passava numa sanga, ele não carregava caneca naquele tempo, naquele tempo não tinha caneca [...] o laço que o gaúcho saía, o animal se apartava do lote, já a corda pegava né, cavalo bom, cavalo bem cuidado, um gaúcho que gosta de cavalo ele deixa de comer pra cortar o pasto pra dar pro cavalo, esse é o gaúcho autêntico, o gaúcho não pode existir sem o cavalo e sem o pampa. Isso aí é um conjunto de coisas que fazem o gaúcho acontecer e ser o que é, né, é isso aí (MIRO, 2013/03/05).

Nesse discurso de um gaúcho típico da fronteira, encontram-se elementos que fazem parte do dia-a-dia do gaúcho que vive a sua cultura, não somente nos 20 de setembro de cada ano. A principal delas é a referência que Miro faz quando fala do cavalo e da lida campeira.

Para se ter noção do quanto o cavalo é importante na vida do gaúcho, José de Alencar, escritor nordestino, escreveu em 1870 o romance *O gaúcho* e, sem nunca ter colocado os pés no Rio Grande do Sul, disse sobre o gaúcho e seu cavalo:

Enfim o cavalo era para o gaúcho um próximo, não pela forma, mas pela magnanimidade e nobreza das paixões. Entendia ele que Deus havia feito os outros animais para vários fins recônditos em sua alta sabedoria; mas o cavalo, esse Deus o criara exclusivamente para companheiro e amigo do homem (2006, p. 48).

Isso também serve para mostrar o quanto o gaúcho mítico é conhecido no restante do Brasil, tendo ele boa fama ou não. Mas, ainda no documentário, Miro diz que “o gaúcho sem arreio não é gaúcho”, isso porque o ato de *encilhar* o cavalo é quase como que simbólico, pois tem uma ordem correta e é a primeira coisa que o campeiro faz no início do seu dia.

O ato de *encilhar* o cavalo exige do gaúcho, gestos precisos, nítidos, firmes e econômicos, pois ele jamais se engana e o ritmo com o qual ele coloca os arreios no lombo do cavalo é igual durante todo o processo, que é, na lida campeira, quase como que um ritual.

Vianna (1974) diz que encilhar um cavalo é uma arte, pois o animal é muito importante para o gaúcho e a maneira como ele faz o encilhamento, enfeitando certos elementos do arreio, reforça sua própria imagem:

O próprio arrear do cavalo – do pingo [...] cuidadosamente tosado – é para ele uma obra de arte, suma prova do seu gosto artístico e da sua hipofilia. No compor dos *áspero* da *arredura*, nos indefectíveis ornatos de prata, rosas, estrelas, corações que adornam as suas cabeçadas [...] na complicada abundância das suas peças complementares [...] em suma, em toda a composição e disposição desses arneses numerosos, o gaúcho põe o orgulho e os requintes de um artista (VIANNA, 1974, p. 209).

Após encilhar o cavalo, o gaúcho se prepara para a atividade de laçar o gado, na lida campeira ou nas festas de tiro-de-laço, que são os rodeios. Os rodeios são as festas campeiras mais tradicionais do estado do Rio Grande do Sul e eles podem ser somente municipais, intermunicipais, interestaduais e internacionais. Nessa festa, cada piquete compete no tiro-de-laço, disputado em categorias e ganhando prêmios. Os rodeios são grandes colaboradores para a manutenção da cultura gaúcha, e eles são incentivados e patrocinados pelos poderes municipais e até estadual, isso também por que, além de ser um incentivo a cultura, os rodeios ajudam na economia dos municípios.

Estas festas acontecem num espaço físico que, geralmente, toda cidade tem: o Parque de Rodeios. Eles podem ser grandes ou pequenos, mas dispõem do mesmo tipo de organização, tudo para que a *armada* seja certa.

O tiro-de-laço se constitui basicamente em arremessar o laço contra o animal que se pretende pegar. Por isso, a primeira coisa a se fazer é preparar o laço, fazendo várias voltas com a própria corda. Nos rodeios, a armada deve ter 7,5 metros, mas na lida do dia a dia este diâmetro é ilimitado, dependendo do espaço e da necessidade do momento. O laço sempre vem enrolado e amarrado na *cincha*, parte traseira da sela, à direita do cavaleiro. Esta maneira que o gaúcho tem de trazer o laço no cavalo é vista por muitos com certa elegância: “o gaúcho faceiro carrega o laço com variada e requintada elegância” (VIANNA, 1974, p. 258).

Um aspecto que não se pode deixar de observar, tantos nos rodeios como nas lidas diárias do gaúcho, é a harmonia e sincronia presentes entre cavalo e cavaleiro, o gaúcho e seu cavalo

O cavalo sabe o que vai fazer. Se tu estás com o laço nos tentos, ele sabe que ele pode correr um boi ou uma vaca, mas ele sabe que não é para laçar, que é para atacar, apartar, para fazer uma coisa diferenciada. Com um laço na mão é difícil um cavalo encostar-se a uma rês (MOTTA, 1994/11/05).

Tendo a armada em mãos, o gaúcho deve executar algumas ações ao mesmo tempo no momento em que está na pista de laço: fazer girar o laço, equilibrar-se e conduzir o cavalo pelos movimentos corporais e manter as rédeas. Além disso, é necessário um conjunto de fatores para que ele atinja seu objetivo, que é laçar o gado: o equilíbrio, a coordenação

motora, a concentração, a percepção do espaço extremamente desenvolvida para saber o momento exato de lançar o laço, a sincronia entre seus movimentos e os do animal e a qualidade de olhar sobre a cabeça do animal que ele persegue e saber realizar as oposições nos movimentos de soltar e puxar a corda do laço, com inclinações do tronco para frente e para trás. Com um breve exercício de observação todos esses fatores podem ser observados, inclusive que, após o gaúcho lançar o laço sobre o animal, cada um tem diferentes formas de puxar a corda do laço para preparar novamente a armada, revelando, assim, estilos diferentes.

É importante ressaltar que isso é o que ocorre nas festas campeiras de tiro de laço, quando não ocorrem imprevistos. No dia-a-dia da lida campeira, essas ações podem acontecer de forma diferente, tendo de ser imediatas para que não se perca nenhum animal, por isso, é importante que o gaúcho sempre tenha a armada pronta, e amarrada na *cincha*, ao seu lado direito, na sela. Com o exercício de observação da lida campeira cotidiano dos gaúchos no trabalho com o gado, é possível notar que muitas vezes o gado escapa e são precisos movimentos rápidos para que entre em ação e não perca o animal, muitas vezes, colocando em risco a sua própria vida e a de seu cavalo. Por isso, é possível compreender que o imprevisto e o risco fazem parte da dimensão espetacular da cultura gauchesca e que o rodeio, muitas vezes, não caminha de acordo com o que acontece no dia-a-dia do campeiro.

Outro fator que colabora para que os gaúchos sejam identificados e que ajuda também o mito de manter vivo é a culinária do Rio Grande do Sul, e, quando se fala nisso, é bem provável que todos pensem no popular churrasco, que é a especialidade local.

No Rio Grande do Sul, o churrasco não é uma comida do cotidiano (salvo exceções), mas está fortemente associado à figura do gaúcho tornando-se assim simbólico. Isso porque não é apenas o ato de comer o churrasco, a carne assada nas brasas da churrasqueira, mas o “fazer um churrasco” ou “churrasquear”, envolve, geralmente, um grupo de pessoas e não é somente assar a carne, porque existe uma organização grupal que se estabelece em torno do churrasco, por esse motivo o churrasco é um hábito marcante da população do Rio Grande do Sul.

Relatos históricos apontam que o churrasco nasceu no pampa, no princípio da ocupação do atual território do Rio Grande do Sul, quando os primeiros homens gaudérios corriam os campos para caçar o gado selvagem. Nesse tempo, era de interesse dos gaudérios somente o couro e o sebo, que tinham valor comercial, a carne, então era consumida no local de abate dos bichos. Para cozinhar essa carne, eram então cortados galhos de árvores nos quais a carne era espetada e assada em seguida no fogo de chão, depois de pronta, era saboreada com os dedos e o auxílio de uma faca, para cortar os pedaços. Foi e é importante

para a história do estado do Rio Grande do Sul que esse costume não se perca, mantendo-se como parte importante da culinária gaúcha.

Mesmo que, com o passar dos anos o churrasco tenha sofrido algumas modificações, sua essência continua a mesma: carne assada sobre as brasas. Hoje, no entanto, ele tem uma dimensão de festividade, sendo um momento particular e fora do cotidiano, onde, normalmente, as pessoas comem e bebem bastante. Levando isso em consideração, o churrasco, de alguma forma sempre representa um momento especial, fora do cotidiano do trabalho e das refeições rápidas, sendo um momento de convivência e conversas de amigos e parentes.

Dessa forma, o churrasco foi e continua sendo um prato de prestígio, servido como cartão de visitas nas casas gaúchas e associado ao estado do Rio Grande do Sul de uma forma única e muito simbólica. Pois, é o churrasco, o almoço dominical das famílias do estado do Rio Grande do Sul, a ponto de o cheirinho de carne assada se espalhar pelas cidades nas manhãs de domingo, quando se coloca a carne no fogo e ela começa a cozinhar. Quem mora no Rio Grande do Sul sabe que é muito mais do que simplesmente “comer um churrasco” é também “fazer um churrasco”, é quase como que um ritual, seguido à risca, com suas normas e comportamentos aceitos e compartilhados por todos.

Nas manhãs de domingo, o que acompanha o acender do fogo para o churrasco nas casas dos gaúchos é o chimarrão. É impossível pensar em gaúcho e no estado do Rio Grande do Sul sem pensar também em churrasco e chimarrão. O chimarrão, ou mate amargo, é o símbolo da hospitalidade gaúcha.

A bebida é herança dos índios guaranis, quichuás e aimarás, que habitavam os estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Esses indígenas tomavam a bebida no Tacuapi, que é uma bomba antiga feita de taquara, e, com o passar do tempo, o hábito de tomar chimarrão foi passado dos índios pelos colonizadores, que experimentaram e gostaram da bebida.

O ritual diário de palmear a cuia, mais que uma herança guarani constitui-se num hábito salutar, costume já eternizado nas muitas gerações que se passaram depois de 1554, ano que se inicia a história da erva-mate, por ocasião do encontro dos índios com os soldados espanhóis do General Irala, nas terras do Guairá, atualmente município do Paraná. (MELO, 2018, n.p.).

A importância do chimarrão para o estado do Rio Grande do Sul é tanta que ele acabou ganhando até seu próprio dia de celebração. No dia 24 de abril de cada ano é celebrado o Dia Estadual do Chimarrão.

A lei estadual 11.929, de 20 de junho de 2003, instituiu o dia 24 de abril como o Dia do Chimarrão, uma data que valoriza a legião de adeptos e consumidores da erva-mate na forma de chimarrão, tererê. Chás, sucos, energéticos, cosméticos e uma infinidade de produtos elaborados pela gastronomia regional. Reconhece também o esforço de 14 mil produtores que se dedicam à atividade e das 250 indústrias que exercem seu trabalho voltado ao fabrico da erva-mate (MELO, 2018, n.p.).

O chimarrão é inserido nas mais diversas práticas do dia a dia do gaúcho, ele pode ser o substituto do café da manhã, pode ser tomado depois do almoço ou ser o companheiro durante uma viagem, entre tantos outros momentos que o chimarrão entra em cena na vida dos gaúchos e das gaúchas. É um prazer enorme tomar chimarrão no fim da tarde, seja sozinho, em duplas ou em grupos maiores e sua ingestão está tão associada a momentos de convívio em sociedade que o chimarrão é muito mais do que uma infusão de ervas, uma simples bebida: é a identidade do seu povo, o povo gaúcho.

Devido a toda essa importância que o chimarrão carrega consigo, foram criados eventos e até locais que exaltam essa importância, como a Feira Nacional do Chimarrão, no município de Venâncio Aires, que é conhecida como a Capital Nacional do Chimarrão. Além disso, foi criada a Rota do Chimarrão, que reúne paisagens e atividades que são tipicamente gaúchas, isso tudo combinando arquitetura, gastronomia e turismo rural. Nesse roteiro, os visitantes podem também participar de uma aula sobre a preparação da bebida, além de conhecerem as regras de etiqueta para compartilhar o mate, que são os 10 mandamentos do chimarrão e que foram escritas por Pércio de Moraes Branco e estão no livro Almanaque Tchê, de Mario Goulart. São eles:

1. **NÃO PEÇAS AÇÚCAR NO MATE** – O gaúcho aprende desde piazito que e por que o chimarrão se chama também mate amargo ou, mais intimamente, amargo apenas. Mas, se tu és dos que vêm de outros pagos, mesmo sabendo poderás achar que é amargo demais e cometer o maior sacrilégio que alguém pode imaginar neste pedaço do Brasil: pedir açúcar. Pode-se pôr na água ervas exóticas, cana, frutas, cocaína, feldspato, dólar etc, mas jamais açúcar. O gaúcho pode ter todos os defeitos do mundo mas não merece ouvir um pedido desses. Portanto, tchê, se o chimarrão te parece amargo demais não hesites: pede uma Coca-Cola com canudinho. Tu vais te sentir bem melhor.
2. **NÃO DIGAS QUE O CHIMARRÃO É ANTI-HIGIÊNICO** – Tu podes achar que é anti-higiênico pôr a boca onde todo mundo põe. Claro que é. Só que tu não tens o direito de proferir tamanha blasfêmia em se tratando do chimarrão. Repito: pede uma Coca-Cola com canudinho. O canudo é puro como água de sanga (pode haver coliformes fecais e estafilococos dentro da garrafa, não no canudo).
3. **NÃO DIGAS QUE O MATE ESTÁ QUENTE DEMAIS** – Se todos estão chimirreando sem reclamar da temperatura da água, é porque ela é perfeitamente suportável por pessoas normais. Se tu não és uma pessoa normal, assume e não te fresqueies. Se, porém, te julgas perfeitamente igual às demais, faz o seguinte: vai para o Paraguai. Tu vais adorar o chimarrão de lá.
4. **NÃO DEIXES UM MATE PELA METADE** – Apesar da grande semelhança que existe entre o chimarrão e o cachimbo da paz, há diferenças fundamentais. Com

o cachimbo da paz, cada um dá uma tragada e passa-o adiante. Já o chimarrão, não. Tu deves tomar toda a água servida, até ouvir o ronco de cuia vazia. A propósito, leia logo o mandamento seguinte.

5. NÃO TE ENVERGONHES DO “RONCO” NO FIM DO MATE – Se, ao acabar o mate, sem querer fizeres a bomba “roncar”, não te envergonhes. Está tudo bem, ninguém vai te julgar mal-educado. Este negócio de chupar sem fazer barulho vale para Coca-Cola com canudinho, que tu podes até tomar com o dedinho levantado.

6. NÃO MEXAS NA BOMBA – A bomba do chimarrão pode muito bem entupir, seja por culpa dela mesma, da erva ou de quem preparou o mate. Se isso acontecer, tens todo o direito de reclamar. Mas, por favor, não mexas na bomba. Fale com quem lhe ofereceu o mate ou com quem lhe passou a cuia. Mas não mexas na bomba, não mexas na bomba e, sobretudo, não mexas na bomba.

7. NÃO ALTERES A ORDEM EM QUE O MATE É SERVIDO – Roda de chimarrão funciona como cavalo de leiteiro. A cuia passa de mão em mão, sempre na mesma ordem. Para entrar na roda, qualquer hora serve mas, depois de entrar, espera sempre tua vez e não queiras favorecer ninguém, mesmo que seja a mais prendada prenda do Estado.

8. NÃO “DURMAS” COM A CUIA NA MÃO – Tomar mate solito é um excelente meio de meditar sobre as coisas da vida. Tu mateias sem pressa, matutando, recordando... E, às vezes, te surpreende até imaginando que a cuia não é cuia mas o quente seio moreno daquela chinoca faceira que apareceu no baile do Gaudêncio... Agora, tomar chimarrão numa roda é mui diferente. Aí o fundamental não é meditar e sim integrar-se à roda. Numa roda de chimarrão, tu falas, discutes, ri, xingas, enfim, tu participas de uma comunidade em confraternização. Só que esta tua participação não pode ser levada ao extremo de te fazer esquecer da cuia que está em tua mão. Fala quanto quiseres, mas não esqueças de tomar teu mate, que a moçada tá esperando.

9. NÃO CONDENES O DONO DA CASA POR TOMAR O 1º MATE – Se tu julgas o dono da casa um grosso por preparar o chimarrão e tomar ele próprio o primeiro, saibas que grosso é tu. O pior mate é o primeiro e quem o toma está te prestando um favor.

10. NÃO DIGAS QUE CHIMARRÃO DÁ CÂNCER NA GARGANTA – Pode até dar. Mas não vai ser tu, que pela primeira vez pegas na cuia, que irás dizer, com ar de entendido, que chimarrão é cancerígeno. Se aceitaste o mate que te ofereceram, toma e esquece o câncer. Se não der para esquecer, faz o seguinte: pede uma Coca-Cola com canudinho, que ela... etc, etc. (BRANCO, 1987, p. 43).

Vale ressaltar que essas regras não foram criadas, mas somente transcritas pelo autor, sendo que todos os que, praticamente, tomam chimarrão diariamente a seguem, mesmo que não saibam de sua existência. Além de ser hábito diário tão importante e presente no cotidiano do habitante do Rio Grande do Sul, o chimarrão também inspira música e poesia. Uma dessas músicas é *Mate de esperança* cantada por Délcio Tavares, e já na primeira estrofe traz os versos “Eu vou cevar um mate gordo de esperança/com a erva verde do verde do teu olhar” e na última “Vou esquentar a água e feliz servir/ um mate pra nós dois”, mostrando que o gaúcho que canta, gosta tanto do mate e o acha tão bonito que o compara a beleza de sua amada, e ressaltando esse ritual, que é servido como símbolo de hospitalidade, na chegada das pessoas. O último verso retrata o quando o “mate” é companheiro e pode estar presente em todas as horas, com qualquer pessoa, e em todos os momentos da vida dos gaúchos.

Outra música que trabalha com esse aspecto do chimarrão como companhia é *Desassossegos*, de João Chagas Leite, que na primeira estrofe, com o primeiro verso, começa “Meus desassossegos sentam na varanda/Pra matear saudades nessa solidão”, ressaltando o

fato de a bebida ser uma boa companhia nos momentos para pensar e de reflexão, pois, mesmo que a essência do mate seja aproximar as pessoas, existe quem prefira “matear solito” ou quem o faz por não ter companhia.

O cancionero popular do Rio Grande do Sul sempre trabalha no sentido de reforçar a cultura gaúcha e valorizar a imagem do gaúcho como esse ser honrado, forte e destemido. Esse talvez seja um dos fatores mais fortes que contribuam para a manutenção e reforço do mito do gaúcho perante todos os habitantes do Rio Grande do Sul.

As expressões usadas na composição das músicas são rebuscadas e regionais, como “taura”, “zaino”, “xucrismo”, “surungo”, “terrunho”, entre outras. O próprio *Canto Alegretense*, que é considerado um hino gaudério no estado do Rio Grande do Sul, traz expressões que nem todos os gaúchos conhecem. Neto Fagundes, tradicionalista de berço, em entrevista a Rede Gaúcha, confessa às vezes ter de buscar significados para as expressões de algumas músicas e diz que “o gaúcho tem orgulho do seu linguajar e o guarda como relíquia”. E nada melhor do que um tradicionalista deste quilate para afirmar tamanha verdade. Pois, se assim não fosse, não existiriam tantas músicas gaúchas tão bonitas e que são identificadas, além do ritmo, pela riqueza de palavras do regionalismo rio-grandense.

Por que e como nasceu tal singularidade linguística? De um lado, o fato de o Rio Grande do Sul ser fruto de uma mescla particular de elementos históricos, uma fronteira viva com os castelhanos, compartilhando com eles modos de vida e de trabalho, e uma geo-história indígena também singular, com índios gê, guarani e pampa, circunstâncias de que nasce uma linguagem também específica. De outro, o fato de ser o Rio Grande uma província longe demais das capitais, isolada por séculos e por isso propensa a desenvolver uma linguagem toda sua (antes do rádio, da tevê e da atual internet, que deixa tudo igual. (FISCHER, 2016/10/03).

Existe até um dicionário gaúcho para saber o significado dessas palavras. Algumas palavras são mais conhecidas, outras não. A verdade é que quando a pessoa abrir a boca para falar, dá pra saber de é do Rio Grande do Sul ou não, pois, logo irá sair um “Tchê!” ou, “Mas que Barbaridade!” e tantas outras expressões e ditos populares deste Estado portador desta cultura tão interessante.

E interessante porque é mantida por cada habitante que evoca todos os dias os símbolos e as tradições do Rio Grande do Sul. O mito do gaúcho se mantém porque existem pessoas que se preocupam em mantê-lo, elevando a cultura gaúcha ao patamar que ela tem. Cada evento, cada manifestação cultural, palavra, dito, evoca este mito. Mito que foi idealizado, que está distante do gaúcho histórico, mas que existe e que precisa ser mantido - e mantido a sua verdade, como riqueza cultural do estado do Rio Grande do Sul.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento desta pesquisa possibilitou um entendimento maior sobre a questão do mito e da origem do gaúcho, ganhando relevância a discrepância existente entre os dois. É possível confirmar uma idealização do gaúcho e a visão de que o mito que se cultua hoje é de um gaúcho muito mais idealizado do que histórico.

Porém, não se pode deixar de ressaltar a cultura gaúcha, como ela é, e como a vontade de algumas pessoas de manter as tradições e costumes do Sul contribuíram para o seu desenvolvimento. Estes aspectos permitiram uma identidade regional sem deixar que uma cultura homogênea dominasse aquela que aqui já existia. Assim foi com a criação do CTG 35, cujos fundadores se preocuparam e estudaram os costumes do Rio Grande do Sul para fixá-los e mantê-los, o que, basicamente, deu certo, porque ainda hoje existem muitas pessoas que são completamente apaixonados pela cultura gaúcha de rodeios, danças, costumes, festivais e CTGs e, muito orgulhosos, vivem para ela.

A grande questão é que essas pessoas, os gaúchos, prendas e tradicionalistas, vivem a cultura do gaúcho idealizado, não que isso seja um problema, porque cultura é algo que se vive, mas o problema talvez seja não conhecer a verdadeira origem do gaúcho e, o porquê de ele ser assim como é, como ainda se vive hoje.

Por estes elementos apresentados, coube aqui também o estudo da personagem de Érico Veríssimo: “Capitão Rodrigo Cambará”. O autor construiu sua personagem sob a imagem do mito do gaúcho, mas também existem elementos históricos no Capitão. Ou seja, conhecendo um pouco da história do Rio Grande do Sul e da idealização do gaúcho, é possível identificar tudo isso no Capitão Rodrigo e não sair por aí falando qualquer coisa, para os gaúchos não virarem motivo de piada, como acontece muitas vezes.

Talvez essa seja a maior relevância dessa pesquisa, se pensada sob valores da sociedade. Fazendo uma ligação entre os três capítulos, é possível pensar que, para sair por aí falando e contando proezas gaúchas (verdadeiras ou não) agora, é preciso antes ter ciência de sua história, origem e, principalmente, de sua literatura, porque é lá que a história e idealização se encontram para formarem juntas uma personagem do quilate do Capitão Rodrigo Cambará, que ainda vive no imaginário de quem o lê e que pode ensinar e contar muita coisa para todos os gaúchos, de todos os tempos e de todas as querências.

REFERÊNCIAS

A Lenda da Erva Mate. Disponível em: <<http://www.erva-mate.com/a-lenda-da-erva-mate/>>. Acesso em: 01 maio 2018.

ALVES, Marcia Borba. **Tratado das gentes d'o continente por uma definição da identidade gaúcha.** 2005. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

AZEVEDO, Gilmar de. **Na Pele da Imagem: O Mito do Gaúcho em "O Tempo e o Vento"**. Passo Fundo: Editora Universitária, 2001. 196 p.

BRAUN, Jayme Caetano. **Mateando.** Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/jayme-caetano-braun/957836/>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

BASQUES, Messias. **Claude Lévi-Strauss e o mito da mitologia.** 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092012000200015>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BRUM, Ceres Karam; MACIEL, Maria Eunice; OLIVEN, Ruben George. **Expressões da Cultura Gaúcha.** Santa Maria: Editora Ufsm, 2010. 216 p.

CESAR, Guilhermino. **Notícia do Rio Grande: literatura.** Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Editora da Universidade/UFRGS, 1994.

CONI, Emílio. **El gaucho** - Argentina, Brasil e Uruguai. Buenos Aires: Solar/Hachete, 1969.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1972. p.183

FAGUNDES, Antônio Augusto. **Até a volta, meu amigo Tinhoso.** *Zero Hora*, Porto Alegre, Segundo Caderno, sábado, 6 fev. 1999.

FISCHER, Luís Augusto. **Dicionário poético gaúcho brasileiro.** 2016. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2016/10/luis-augusto-fischer-comenta-o-livro-dicionario-poetico-gaucha-brasileiro-7643975.html>>. Acesso em: 05 maio 2018.

FEIJÓ, Martín César. **O que é herói?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

FOCHI, Isadora. **Entre Passos**. 2018. Disponível em:
<<http://rdplanalto.com/noticias/29914/entre-passos>>. Acesso em: 15 maio 2018.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **A Figura do Gaúcho e a Identidade Cultural Latino-Americana**. 2004. Disponível em:
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/382/279>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

FLORES, Moacyr. **O Mito do Gaúcho**. Disponível em:
<<http://pensoquepensologodesisto.blogspot.com.br/2012/07/o-mito-do-gaucha-por-moacyr-flores.html>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

GIACOMOLI, Doris Helena Soares da Silva. **Masculinidades em conflito em Um Certo Capitão Rodrigo: da luta pela hegemonia à masculinidade mitificada**. 2015. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Letras - Mestrado, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

GHISOLFI, Alda Maria do Couto. **A Palavra de Érico Veríssimo e a Trajetória do Mito do Gaúcho Heróico na Literatura Rio-Grandense**. 1985. Disponível em:
<<file:///C:/Users/Cris/Downloads/17555-54114-1-PB.PDF>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

GONZAGA, Sergius. **As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da Literatura**. In: ____; DACANAL, José Hildebrando (orgs.). RS: *Cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. p. 113-132.

HERNÁNDEZ, José. **El gaucho Martín Fierro**. 9 ed. Madrid: Catedra, 1995. 391 p.

HOHFELDT, Antônio. **Literatura e vida social**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996.

HOHFELDT, Antônio. **Trilogia da Campanha: Ivan Pedro Martins e o Rio Grande Invisível**, Porto Alegre, IEL: EDIPUCRS, 1998.

JORNALEÇÃO. **Entrevista com Paixão Cortês**. Porto Alegre, out. 1997.

KLIPPEL, Elenice Hoffmann. **O gaúcho e o forasteiro: relações de oposição na construção da identidade sul-rio-grandense**. In: *Escrita no plural*, 1, p. 82, 91, out. 2011. Disponível em:
<http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/escrita_no_plural/outubro_2011/pdf/o_gaucha_e_o_forasteiro_relacoes_de_oposicao_na_construcao_da_identidade_sul-rio-grandense.pdf>
Acessado em: 10 mar. 2018.

LAMBERTY, Salvador Ferrando. **ABC do tradicionalismo gaúcho**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.

LESSA, Barbosa. **O Sentido e o Valor do Tradicionalismo**. 2000. Disponível em: <<http://www.paginadogaicho.com.br/ctg/valor.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

LOPES NETO, Simões. **Contos Gauchescos**. São Paulo: Editora Ática, 1998. 128 p. (Bom Livro).

MACIEL, Maria Eunice. Uma cozinha à gaúcha. In:____. *Expressões da Cultura Gaúcha*. 5. ed. Editora UFSM: 2010, p 85-93.

MAROBIN, Luiz. **A literatura no Rio Grande do Sul: aspectos temáticos e estéticos**. São Leopoldo: UNISINOS, 1985.

MELO, Ilvandro Barreto de. **Chimarrão, ainda melhor**. Correio do Povo. Porto Alegre, p. 4. 24 abr. 2018.

ROIZENBLINT, Sérgio. **MIRO e a cultura gaúcha de fronteira**. 2013. Color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NOX2Ipy1Ic0>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

OLIVEN, Ruben George. **O maior movimento de cultura popular do mundo ocidental: o tradicionalismo gaúcho**. *Cadernos de Antropologia*, n. 1. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 1990.

OLIVEN, Ruben George. Rio Grande do Sul: Um só Estado, várias culturas. In:____. *Expressões da Cultura Gaúcha*. 5. ed. Editora UFSM: 2010, p 8-27.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

PRUNES, Lourenço Mario. “O isolamento geográfico do Rio Grande do Sul”. In: *Fundamentos da Cultura Rio Grandense*. Quinta Série. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1962, p. 143.

SILVA, Gleicimary Borges da. **Projeto Memória**. 1999. Revisado por Ivo Benfatto, Patrão do 35 CTG. Disponível em: <<http://35ctg.com.br/opioneiro/projeto-memoria/>>. Acesso em: 15 maio 2018.

TAVARES, Délcio. **Mate de esperança**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/delcio-tavares/224671/>>. Acesso em: 01 maio 2018.

VERÍSSIMO, Érico. **O tempo e o vento**. Porto Alegre: Globo, 1974. 3 v

VERISSIMO, Erico. “Um romancista apresenta sua terra”. In: PRADO, Auera. **Rio Grande do Sul: terra e povo**. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 3-13.

VERISSIMO, Érico. **Solo de Clarineta**. 14. ed. Porto Alegre: Globo, 1980.

VERISSIMO, Erico. **Um Certo Capitão Rodrigo**. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1975. 254 p. (Sagitário).

VERISSIMO, Erico. **Um Certo Capitão Rodrigo**. Porto Alegre: Editora Globo, 1949. 254 p.

VIANNA, F.J.O. **Populações meridionais do Brasil**. v. 2. O campeador rio-grandense. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

WEBER, Jéssica Rebeca. **Conheça a "tradução" de algumas músicas tradicionais gaúchas**. 2016. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2016/09/conheca-a-traducao-de-algumas-musicas-tradicionais-gauchas-7468615.html>>. Acesso em: 04 maio 2018.